

ENCONTRO DO GT DE PSICOLINGUÍSTICA
UFMT - CUIABÁ 28-29 DE JUNHO DE 2018**RESUMOS****PALESTRA DE ABERTURA****PSICOLINGUÍSTICA, EDUCAÇÃO E DEMOCRACIA**

Marcus Maia
UFRJ/CNPq
maia@ufrj.br

A palestra discutirá a importância da translação de teorias e métodos da psicolinguística para impactar positivamente a educação básica no Brasil que, como vários indicadores nacionais e internacionais têm demonstrado, não tem atingido os objetivos a que se propõe, entre os quais o de desenvolver apropriadamente a capacidade de leitura e escrita dos alunos. Este fascinante campo de pesquisas recentes aberto pela Psicolinguística e pela Neurociência tem potencial transformador imenso não só para o conhecimento científico, mas também para o desenvolvimento democrático das sociedades humanas. As empolgantes descobertas científicas das últimas décadas têm o potencial de serem mais efetivamente transformadoras para resgatar da manipulação e da miséria mental milhões de pessoas vivendo nas “pseudo-democracias” (cf. Moraes, 2017), dominantes no planeta. A pesquisa psicolinguística tem um diferencial importante em relação a outras áreas da pesquisa linguística, que é o de realizar testes com aferição on-line do comportamento linguístico, podendo ser de grande valia para a pesquisa educacional oferecendo diagnósticos diretos sobre a leitura e orientando procedimentos pedagógicos mais efetivos. A palestra conclui revisando estudo de Maia (2018), que investiga através de testes de rastreamento ocular a leitura de períodos subordinativos, em português brasileiro, por parte de alunos do curso de Letras e do oitavo ano do curso fundamental. Os resultados, indicaram que os leitores do ensino fundamental, frequentemente, nem mesmo completam a leitura do período, adotando uma estratégia de inspeção linear minimamente estruturante, o que torna a leitura progressivamente mais difícil, porque não se beneficia da estruturação hierárquica seletiva. A partir desses resultados, membros do Laboratório LER da UFRJ vêm desenvolvendo oficinas, em que se introduzem nas escolas o rastreador ocular, permitindo analisar ludicamente com alunos e professores seus diferentes padrões de leitura, com o potencial de desenvolver o seu conhecimento metacognitivo crítico.

Palavras-chave: rastreamento ocular; leitura; consciência sintática.

MESA 1: INTER-GTS - LINGUAGEM, COGNIÇÃO E EDUCAÇÃO**LINGUAGEM, COGNIÇÃO E EDUCAÇÃO
UM APORTE PSICOLINGUÍSTICO**

Letícia M. Sicuro Corrêa
PUC-RIO/CNPq
lscorrea@puc-rio.br

Apresentam-se brevemente os objetivos da pesquisa psicolinguística de cunho teórico e aplicado, destacando-se, dos principais temas dessa pesquisa, modelos teóricos e resultados experimentais que possam contribuir para o desenvolvimento de uma mentalidade investigativa entre estudantes de vários níveis e para a atuação do professor no desenvolvimento de habilidades linguísticas específicas. Defende-se a proposta de se buscar o desenvolvimento de modelos do processamento linguístico integrados com a pesquisa linguística, explorando-se, particularmente possíveis correlatos psicolinguísticos de conceitos linguísticos tais com os de traços de itens do léxico e de níveis de interface. Resultados de pesquisa teórica e aplicada nessa direção são reportados, com foco na avaliação de habilidades linguísticas e intervenção em casos de transtornos da linguagem e/ou dificuldades de aprendizagem, particularmente no que concerne a estruturas de alto custo e à relação gramática-pragmática.

Palavras-chave: processamento linguístico; interfaces; transtornos da linguagem/aprendizagem.

**EDUCAÇÃO PARA A LEITURA: REDIMENSIONANDO OS CONCEITOS DE
ALFABETIZAÇÃO, LETRAMENTO E LITERACIA**

Rosângela Gabriel
Universidade de Santa Cruz do Sul / CNPq
rgabriel@unisc.br

Nesta mesa InterGTs, cujo tema é linguagem, cognição e educação, proponho uma discussão sobre os conceitos de letramento, alfabetização e literacia, buscando uma perspectiva interdisciplinar ao colocar em diálogo Linguística, Psicologia e Educação. Ainda que intimamente ligados, esses três conceitos não podem ser tomados como sinônimos, uma vez que cada um guarda especificidades. Se, de um lado, o conceito de letramento vem se popularizando desde a década de 1980, com o crescente espaço a ele dedicado em livros, materiais didáticos e eventos voltados aos professores, esse crescimento não pode se dar em oposição ou em detrimento do espaço dedicado à alfabetização, uma vez que a

aprendizagem inicial da leitura guarda especificidades a serem consideradas à luz dos avanços das neurociências. Por fim, se o letramento enfatiza os aspectos interativos e socioculturais envolvidos nos usos, funções e valores atribuídos à língua escrita, por outro lado, o desenvolvimento do conjunto de habilidades da leitura e da escrita que constituem a literacia plena (decodificação rápida e acurada, ampliação do conhecimento lexical, variação linguística e adequação ao registro, sintaxe da língua escrita, referência anafórica e catafórica, estabelecimentos de inferências, etc.), não pode ser negligenciado, sob pena de « jogarmos fora o bebê com a água do banho ».

Palavras-chave: neurociência da leitura; ensino; perspectiva interdisciplinar.

LINGUAGEM, COGNIÇÃO E EDUCAÇÃO DE SURDOS

Elidéa Lúcia Almeida Bernardino
Universidade Federal de Minas Gerais
elideabernardino@gmail.com

O letramento funcional e o domínio da língua escrita são difíceis de serem atingidos por surdos profundos, principalmente os pré-linguais e provenientes de famílias ouvintes – representando de 90 a 95% dessa população. Uma criança ouvinte, aos cinco anos, domina a língua oral, que a apoia na aprendizagem da escrita. Nos surdos, a Libras é que cumpre o papel desempenhado pela língua oral nos ouvintes. Com efeito, estudos mostram que a aquisição de uma L2 está diretamente relacionada à idade em que a criança adquire sua primeira língua (MAYBERRY, 2007). Diversas pesquisas apontam que o surdo só tem acesso à Libras ao entrar na escola. Até a década de 1980, as escolas para surdos no Brasil buscavam primeiro ensinar a fala, para depois introduzir a língua escrita (PEREIRA, 2008). E o português era – e continua sendo – ensinado com metodologia de ensino de L1, desde a alfabetização, não considerando as especificidades do sujeito surdo. Como fica o desenvolvimento cognitivo de uma pessoa que só tem acesso a uma língua efetiva aos 6, 7 ou aos 12 anos? E, na escola, os conteúdos curriculares são “jogados” aos alunos, muitas vezes achando suficiente contratar um intérprete de Libras para acompanhar o professor, em salas mistas com ouvintes. Um dos projetos que venho desenvolvendo no último ano avalia o ensino de português como L2 a surdos adultos através do contraste entre as línguas – LP e Libras. Quinze alunos concluíram o primeiro módulo do curso. Na turma atual, 33 alunos participam ativamente das aulas. São todos jovens e adultos, a maioria cursando ou tendo concluído o Ensino Médio nas condições descritas. Neste trabalho, pretendo discutir as dificuldades encontradas e algumas das estratégias utilizadas no curso.

Palavras-chave: Surdos; Libras; ensino de português.

**SOBRE A NECESSÁRIA ARTICULAÇÃO ENTRE LINGUÍSTICA, GRAMÁTICA,
APRENDIZAGEM ATIVA**

Eloisa Nascimento Silva Pilati
Universidade de Brasília
eloisapilati@gmail.com

Nesta apresentação pretendo apresentar e discutir três elementos fundamentais da Aprendizagem Linguística Ativa (Pilati 2017): linguística, gramática padrão e metodologia de ensino. Em relação às reflexões sobre a gramática padrão ou gramática tradicional, analiso alguns problemas conceituais presentes nas gramáticas que dificultam a compreensão e o processo de ensino e de aprendizagem da gramática do português. Sobre as contribuições dos estudos linguísticos, defendo que certas descobertas feitas nesse campo do saber são cruciais para a compreensão das propriedades das línguas naturais e devem estar presentes na formação de professores e na escola, tais como o inatismo linguístico, compreensão de língua como “sistema biológico” (Noam Chomsky, 1957, 1995, 2011), sem deixar de lado certos conceitos da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov e Herzog. 2006 [1968]). No que se refere às discussões metodológicas, a sugestão é a de que se deva aumentar a variedade de técnicas nas aulas de gramática da educação básica. Por fim, apresento alguns exemplos de sequências didáticas que promovem momentos de aprendizagem mais ativa, como o uso de materiais concretos para representação dos fenômenos linguísticos e uso de métodos de resolução de problemas linguísticos, tais como análises de textos e práticas de revisão de textos.

Palavras-chave: Ensino de gramática; Teoria Gerativa; Aprendizagem Linguística Ativa.

**MESA 2 – PSICOLINGUÍSTICA NA ESCOLA: LEITURA, ESCRITA E FORMAÇÃO DE
PROFESSORES****SOBRE A NATUREZA DOS ERROS (ORTO)GRÁFICOS PRODUZIDOS POR CRIANÇAS DOS
ANOS INICIAIS**

Ana Ruth Moresco Miranda
Universidade Federal de Pelotas
ana.ruth@pq.cnpq.br

Nos estudos do GEALE (Grupo de Estudos sobre Aquisição de Linguagem Escrita), os erros observados na escrita inicial são dados que estão na base das investigações desenvolvidas. Isso por entendermos que eles são capazes de fornecer valiosas informações acerca das hipóteses das crianças tanto sobre o funcionamento do sistema fonológico como do

ortográfico. Considerando as duas principais fontes de produção da escrita inicial disponíveis para as crianças, a saber, o conhecimento linguístico, especificamente o conhecimento fonológico, e o conhecimento adquirido por meio da experiência em práticas de leitura e escrita, foram definidas duas categorias principais para a descrição e análise dos dados levantados: erros motivados pelas complexidades do sistema ortográfico e erros (orto)gráficos relacionados a aspectos referentes à fonologia da língua. O material empírico deste estudo compreende uma amostra de dados extraídos de aproximadamente dois mil textos espontâneos produzidos por estudantes da 1ª a 4ª série em duas escolas de Pelotas, uma pública e outra particular. Os textos foram coletados em sala de aula, a partir do desenvolvimento de oficinas de produção escrita. Algumas tendências foram observadas nos resultados encontrados: i) os erros fonológicos predominam em todas as séries; ii) a diminuição do número de erros à medida que avançam os anos escolares é observada; iii) os erros motivados por questões fonológicas, na maioria dos casos, dizem respeito a complexidades segmentais e prosódicas do português; iv) os erros motivados por aspectos ortográficos envolvem principalmente as relações arbitrárias do sistema.

Palavras-chave: aquisição da escrita; erros ortográficos; fonologia-ortografia.

PNAIC E SOMA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA PARAÍBA.

Evangelina Maria Brito de Faria
UFPB
evangelinab.faria@gmail.com

Com o surgimento da Psicolinguística, a entrada da criança na escrita ganhou destaque em pesquisas, principalmente, no campo da Aquisição de linguagem. Hoje, sabe-se muito mais sobre esse complexo processo de acesso à língua escrita, através de diversas correntes teóricas. Esse saber construído, naturalmente, é convocado para auxiliar demandas que se ligam a propósitos próprios da área. Essa comunicação tem por objetivo mostrar contribuições linguísticas implementadas, nos eixos da leitura e da escrita, pelo Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa e pelo Pacto pela Aprendizagem na Paraíba discutir implicações desses subsídios na formação continuada de professores do ciclo de alfabetização. Teoricamente, nos apoiamos em concepções interacionais, que permeiam os materiais desenvolvidos para o PNAIC e para o SOMA e que se respaldam principalmente em Bakhtin (2006), Marcuschi (2008), Antunes (2002, 2009), Soares (2017), entre outros. Metodologicamente, iniciaremos com a apresentação da estrutura das Formações, em seguida abordaremos a proposta de leitura e de escrita desenvolvida, apontaremos contribuições já visíveis em municípios paraibanos e colocaremos impasses que permanecem impedindo novos e necessários avanços. A discussão coloca em relevo que a

vida em sociedade exige um posicionamento crítico nas diferentes esferas sociais, por isso, quanto mais compreendemos nos textos que circulam ao nosso redor, mais capacitados estamos para responder aos questionamentos a que somos demandados. A psicolinguística, como área que estuda a entrada no processo da escrita, ganha destaque e responsabilidade em um país que precisa resolver a questão da alfabetização.

Palavras-chave: pnaic; soma; formação continuada.

MESA 3 – PSICOLINGUÍSTICA NA ESCOLA: BILINGUISMO E MULTILINGUISMO

PSICOLINGUÍSTICA DO BILINGUISMO: IMPLICAÇÕES NOS PROCESSOS FORMAIS DE AQUISIÇÃO DE LÍNGUAS

Elena Ortiz Preuss
Universidade Federal de Goiás
elena.ortizp@yahoo.com.br

O objetivo desta comunicação é discutir aspectos cognitivos que atuam no desenvolvimento linguístico do bilíngue, a partir de pesquisas desenvolvidas que enfocaram a interação entre condições pedagógicas de aquisição e sistemas de atenção e de memória de trabalho. Nossa análise parte do pressuposto de que, na aquisição tardia de L2, há muita variabilidade no nível final de competência dos aprendizes, embora tenham frequentado o mesmo contexto de ensino-aprendizagem, portanto, a maioria das teorias de aquisição não consegue abranger adequadamente a complexidade do desenvolvimento linguístico bilíngue (SANZ, 2005), pois para isso seria necessário (re)conhecer os efeitos das variáveis individuais nos processos de ensino-aprendizagem de línguas. Em outras palavras, o desempenho linguístico bilíngue é afetado por suas características individuais (ORTIZ-PREUSS e SANZ, 2016). Sob essa perspectiva temos desenvolvido experimentos para avaliar possíveis associações entre os construtos cognitivos de atenção e memória de trabalho e o desempenho de bilíngues na sua L2. Tais experimentos, criados à luz da Psicolinguística, são realizados em contextos formais de aquisição da L2 e observam também o papel da similaridade linguística no desempenho dos bilíngues. Os resultados obtidos são bastante incipientes, mas revelam tanto a necessidade de mais pesquisas que enfoquem condições pedagógicas e variáveis individuais na aquisição de L2 quanto os desafios para desenvolver pesquisas experimentais em contextos formais de aquisição de L2.

Palavras-chave: Bilinguismo; Condições pedagógicas; Variáveis individuais.

**PRIMING FONOLÓGICO NO RECONHECIMENTO VISUAL DE PALAVRAS: ALGUMAS
LIÇÕES PARA O ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS**

Ricardo Augusto de Souza
UFMG/CNPq
Eduardo Moreira Dias
UFMG
ricsouza.ufmg@gmail.com

Materiais didáticos para o ensino de línguas estrangeiras tipicamente apoiam-se na apresentação de textos escritos, sendo a aprendizagem da leitura em línguas adicionais um componente central dos currículos de ensino destas línguas. Frente a isto, entendemos se fazer necessário o avanço do entendimento do papel da exposição ao sistema gráfico no desenvolvimento de uma segunda língua. Nesta comunicação relatamos as observações de dois experimentos com tarefas de decisão lexical, um em língua materna e outro em língua adicional, orientados pelo paradigma do “*priming* fonológico”, baseados no modelo de rota dual no reconhecimento visual de palavras, que prevê a concorrência tanto de um mecanismo de associação direta entre o aspecto visual da escrita e significado, quanto de um mecanismo de decodificação de associações grafema/fonema. O paradigma do “*priming* fonológico” é apropriado para a exploração de possíveis efeitos facilitadores da exposição subliminar a relações grafema-fonema sobre o reconhecimento de palavras. Nossas observações atestam que em língua materna a atuação do mecanismo de decodificação de associações grafema/fonema é modulado pela frequência das palavras alvo, e demonstram que no reconhecimento visual de palavras em uma língua adicional, o mecanismo é genericamente semelhante ao reconhecimento de palavras de baixa frequência na língua materna, porém sendo guiado apenas por associações grafema/fonema disponíveis na L1. A partir dessas observações, traremos considerações sobre a importância de exposição de aprendizes à realização oral de uma língua adicional.

Palavras-chave: priming fonológico; língua adicional; reconhecimento visual da palavra.

**AS BASES NEURAIS DO BILINGUISMO E EVIDÊNCIAS DE UM ESTUDO DO
HUNSRIQUEANO**

Augusto Buchweitz
PUCRS/CNPq
augusto.buchweitz@pucrs.br
Bernardo Limberger
PUCRS
bernardo.limberger@acad.pucrs.br

Este trabalho almeja apresentar o estado da arte de estudos sobre as bases neurais do bilinguismo e os resultados de um novo estudo, realizado no sul do Brasil, sobre as bases

neurais de bilíngues e multilíngues falantes de hunsriqueano, uma variedade distinta de outras variedades do alemão-- embora vinculada a elas historicamente e por semelhança--e utilizada principalmente na forma oral. O estado da arte será discutido a partir da contribuição da neuroimagem para o entendimento de como se dá a representação semântica e multiíngue no cérebro e para como se dá o controle multilíngue no cérebro? Discute-se a flexibilidade e adaptabilidade do cérebro humano para acomodar múltiplas línguas e controlar qual língua usar, e quando. Em seguida, apresentam-se os resultados de um estudo de neuroimagem sobre as bases da leitura em falantes do hunsriqueano, um dialeto principalmente utilizado na forma oral, a partir de um paradigma experimental que apresenta palavras transcritas do dialeto e cognatos do dialeto e alemão. As implicações para a aprendizagem de uma segunda língua serão discutidas.

Palavras-chave: Bilinguismo; Hunsriqueano; Bases Neurais

MESA 4 – A PSICOLINGUÍSTICA PERANTE OS DESAFIOS DA ÁREA DE LINGUÍSTICA E LITERATURA

A FORMAÇÃO DE PESQUISADORES EM PSICOLINGUÍSTICA NO BRASIL: DESAFIOS E BUSCA DE ALTERNATIVAS

Erica dos Santos Rodrigues
LAPAL/PUC-Rio
ericasr@puc-rio.br

A Psicolinguística é uma área de conhecimento em que a interdisciplinaridade está presente desde sua origem, com destaque para as contribuições da Linguística e da Psicologia Cognitiva. No Brasil, a formação nessa área se dá no âmbito de Programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística, o que, por um lado, fortalece o braço linguístico da formação, mas, por outro, traz desafios dada a heterogeneidade da própria grande área e deixa lacunas no que tange ao oferecimento de disciplinas relevantes para a condução de pesquisa de natureza experimental. Soma-se a isso o fato de grande parte dos alunos que ingressam na pós-graduação não terem contato ou terem um contato superficial, em nível de graduação, com discussões sobre linguagem numa perspectiva Biolinguística. Esse quadro exige tanto por parte dos professores quanto dos alunos de pós-graduação um esforço adicional do ponto de vista da inserção na área da Psicolinguística e a necessidade de complementação do percurso formativo com disciplinas de áreas correlatas. Esse quadro de desafios se amplia quando se consideram as especificidades de pesquisas de caráter translacional, como as voltadas para a Educação ou para a Clínica. Sem falar em toda a preocupação, cada vez mais acentuada, com aspectos éticos de pesquisas que envolvem seres humanos. É, pois, com o foco nos detalhes desse cenário que se estrutura

minha comunicação. Além de apresentar dados sobre os currículos dos PPGs, suas linhas formativas e disciplinas, pretendo promover uma discussão acerca de alternativas para a superação de alguns dos desafios mencionados.

Palavras-chave: Psicolinguística; Formação acadêmica; Interdisciplinaridade

PSICOLINGUISTAS: QUEM SOMOS, O QUE FAZEMOS?

Cristina Name
NEALP/UFJF/CNPq
cristina.name@ufjf.edu.br

No cenário mundial, a investigação em psicolinguística se concentra em centros de pesquisa em Ciências Cognitivas, Psicologia Cognitiva e/ou Neurociências da Linguagem, ao passo que, no Brasil, se desenvolve em programas da área de Linguística e Literatura. Tal inserção, bastante produtiva em certos aspectos, dificulta a percepção – pela sociedade, por instituições e mesmo pela academia – das perspectivas neurocognitiva, psicológica e biológica de nossas pesquisas, assim como de seu caráter interdisciplinar. Além disso, ainda são poucas as parcerias com grupos de pesquisas brasileiros em outras áreas. Esse cenário colabora para uma visão restrita do papel de nossa pesquisa e de sua contribuição em diversos domínios teóricos e aplicados. A partir de mapeamento dos laboratórios da área, dos programas com (linhas de) pesquisas voltadas para neurociência ou psicologia da linguagem, procuro discutir os desafios decorrentes da inserção da Psicolinguística na área de Linguística e Letras, focalizando a necessidade de (a) mais diálogo com outras áreas/subáreas no Brasil, como a Psicologia e as Neurociências; (b) ações buscando maior visibilidade da área junto à academia, IES e instâncias de formulação de políticas públicas relativas a temas afins; e (c) ações de divulgação da subárea junto à sociedade.

Palavras-chave: psicolinguística; cognição; divulgação.

MAPEANDO A ATUAÇÃO DA ÁREA DE PSICOLINGUÍSTICA NO NORDESTE: DESAFIOS E POTENCIAIS

José Ferrari Neto
Universidade Federal da Paraíba
joseferrarin@ibest.com.br
Márcio Martins Leitão
Universidade Federal da Paraíba
profleitao@gmail.com

O nosso objetivo é mapear a área de Linguística e Literatura, analisando os programas de pós-graduação existentes na região Nordeste do Brasil, e buscando verificar como se

distribuem as pesquisas na área da Psicolinguística nesta parte do país. O objetivo é tentar descrever, quantitativa e qualitativamente, a situação em que se encontram a formação e a produção acadêmica neste campo de estudos linguísticos. Uma breve síntese desse quadro será mostrada, enfatizando os principais pontos que têm sido desenvolvidos e quais os desafios que ainda têm de ser enfrentados para que esta área possa ser ainda mais relevante, tanto como ciência básica, produzindo conhecimento teórico relevante e formando pesquisadores de alto nível, quanto como ciência aplicada, gerando incrementos em interface, por exemplo, com a saúde e com a educação. Pretendemos apontar algumas possíveis ações para que os desafios da área de Psicolinguística sejam ultrapassados e os potenciais sejam explorados e ampliados no âmbito do Nordeste, permitindo uma maior visibilidade da área.

Palavras-chave: Psicolinguística; Nordeste; Desenvolvimento.

PAINÉIS

A IDENTIFICAÇÃO DA FLEXÃO VERBAL DE NÚMERO E A COMPREENSÃO DO CONCEITO DE NUMEROSIDADE: CONSIDERANDO A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NA AQUISIÇÃO DO PB

Daniele Molina

Universidade Federal de Juiz de Fora/NEALP

daniele.molina@ufjf.edu.br

Cristina Name

Universidade Federal de Juiz de Fora/NEALP/CNPq

cristina.name@ufjf.edu.br

Mercedes Marcilese

Universidade Federal de Juiz de Fora/NEALP

mmarcilese@gmail.com

Estudos em diferentes línguas apontam para a produção da morfologia verbal de número por volta dos três anos de idade, ao passo que dados experimentais sugerem dificuldades em tarefas de compreensão até os seis anos. Considerando a variação observada no português brasileiro em relação à marcação flexional de terceira pessoa do plural (redundante e não redundante), investigamos se as crianças brasileiras apresentariam desempenho diferente dos apontados em estudos desenvolvidos em línguas nas quais a marcação flexional de número é consistente. Um experimento desenvolvido por meio da técnica de seleção de imagem buscou verificar a identificação de formas verbais na terceira

pessoa do singular e do plural e a compreensão do conceito de numerosidade veiculada por tais formas. Foram consideradas como variáveis independentes a realização do sujeito (nulo/preenchido) e número (singular/plural) – *within-subjects*; e faixa etária (cinco x seis anos) e grupo socioeconômico (escola privada/escola pública) – *between-subjects*. A tarefa do participante era ouvir uma sentença e associá-la a uma das duas imagens apresentadas (um ou mais de um indivíduo praticando a ação expressa pelo verbo). A média de respostas para a imagem-alvo – considerada a partir das respostas dos adultos – foi tomada como variável dependente. Participaram da tarefa 152 crianças. Os resultados sugerem que as crianças mais velhas e de escola privada apresentam desempenhos mais próximos dos adultos e que o preenchimento do sujeito facilita a compreensão de numerosidade. Em geral, os resultados do PB são similares aos do inglês e do espanhol, em variedades que apresentam marcação consistente de número.

Palavras-chave: flexão verbal; variação linguística; compreensão.

O PROCESSAMENTO DE NOMINAIS NUS EM PB DO PONTO DE VISTA DAS INTERFACES ENTRE MÓDULOS COGNITIVOS

Michele Monteiro de Souza
UFJF/NEALP

michele_monteiro@ymail.com

Cristina Name

UFJF/NEALP/CNPq

cristina.name@ufjf.edu.br

Nosso trabalho investiga o processamento de nominais nus (NN) em português brasileiro (PB) à luz da Hipótese das Interfaces (HI), segundo a qual fenômenos nas interfaces externas são mais suscetíveis a vulnerabilidade (Sorace; Serratrice 2009; White 2011). Enunciados como “Mulher adora sapato” são comuns em PB e estudados em línguas românicas, germânicas e do tronco tupi. Em contraste com outras línguas, o PB parece ser singular na aceitação de NN em posições que podem ser tratadas como argumentais e não-argumentais, na existência de NN sem flexão de número com interpretação genérica e na ocorrência de NN tanto singulares quanto plurais, seja em posição pré ou pós-verbal, caracterizando-se como um fenômeno relativo à interface interna entre sintaxe-semântica e, ao mesmo tempo, à interface externa entre sintaxe-discurso. A literatura apresenta diferentes teorias relativas aos aspectos sintáticos e semânticos dos sistemas de sintagmas nominais em línguas naturais (Carlson, 1977; Schmitt & Munn, 1999; Pires De Oliveira & Rothstein, 2011), mas carece de estudos relativo a seu processamento. Realizamos um experimento com a técnica de *nomeação de imagens para produção eliciada* para investigar se adultos falantes do PB utilizam NN singulares e plurais quando produzem sentenças com sentido genérico, *kind* ou episódico. Os participantes produziram NN com e sem flexão de

número nos contextos esperados com interpretação genérica, *kind* ou episódica ($p < 0,011$), o que é compatível com a HI, pois o fenômeno tem apresentado tendência à opcionalidade.

Palavras-chave: processamento de sentenças; nominais nus; interfaces.

CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA PREPARAÇÃO PARA A LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Mariana Fernandes Fonseca
Universidade Federal do Rio de Janeiro
marianafernandes_18@hotmail.com

Urge propor soluções para o grave problema no ensino de leitura no Brasil já que os brasileiros passam 12 anos na escola e dificilmente conseguem se tornar leitores seletivos e estruturantes. Este trabalho propõe que uma estimulação pedagógica focada no desenvolvimento da consciência fonológica funcione como uma metodologia pedagógica essencial para o aprendizado de leitura já na educação infantil – primeira etapa da Educação Básica. Por isso, este trabalho realiza uma revisão da literatura sobre consciência fonológica e leitura formando a base teórica necessária para a realização de futuros experimentos com crianças de 30 a 36 meses de idade, utilizando técnicas on-line não-invasivas de modo a testar a hipótese de que o desenvolvimento da consciência fonológica durante a Educação Infantil antes da alfabetização propriamente dita seja diretamente relevante para o desenvolvimento da capacidade leitora ao longo da carreira escolar. A consciência fonológica é uma habilidade cognitiva complexa, que reúne a percepção, manipulação e segmentação de palavras em sílabas, identificação de palavras que rimam e de palavras que começam com o mesmo segmento. Ela inclui ainda a consciência fonêmica, habilidade de reconhecer, separar e manipular uma palavra em seus fonemas constitutivos. O desenvolvimento da consciência fonológica favorecerá o aluno frente ao desafio de aprender a ler um sistema de escrita alfabético – que liga grafemas e fonemas. E esse desenvolvimento pode ocorrer desde a Educação Infantil. Afinal, crianças que desenvolvem a consciência fonológica como preparação para o aprendizado de leitura têm mais chances de obter sucesso na alfabetização propriamente dita.

Palavras-chave: Consciência Fonológica; Leitura; Educação Infantil.

AS ESTRATÉGIAS DE GRAFIA DAS SOANTES PALATAIS EM TEXTOS PRODUZIDOS POR CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Franciele Collovini Tavares
Instituto Federal Sul-rio-grandense
francoilovini@hotmail.com
Marco Antônio Adamoli
Instituto Federal Sul-rio-grandense
marcoaadamoli@gmail.com

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a descrição e uma proposta de análise das diferentes estratégias empregadas por crianças em fase de alfabetização na escrita das soantes palatais /ʎ/ e /ɲ/, representadas, respectivamente, pelos grafemas “lh” e “nh”. O desenvolvimento da pesquisa baseia-se no pensamento de Miranda (2010), segundo o qual o erro ortográfico pode auxiliar aqueles que estudam aquisição da linguagem a investigar o saber construído pelas crianças a partir de sua experiência linguística. O corpus da pesquisa é constituído por dados extraídos de produções de crianças do segundo e terceiro anos de uma escola pública do município de Camaquã/RS. Os dados coletados foram classificados de acordo com a proposta de Teixeira e Miranda (2008, 2010), a qual considera dois tipos de erros, a saber, os que evidenciam processos fonológicos (“abelia” e “abela” para “abelha”) e aqueles relacionados a falhas do conhecimento relativo à representação dos sons e/ou uso dos dígrafos (“espantinho” e “espantaho” para “espantalho”). Nos dados deste estudo, observou-se um número maior de erros que demonstram similaridade com diferentes processos fonológicos, guardando relação, assim, com o conhecimento fonológico infantil.

Palavras-chave: fonologia; ortografia; grafia das soantes palatais.

SENSIBILIDADE AO ACENTO PROSÓDICO EM CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

Luanda Alvariza Gomes Ney
luandaalvariza@gmail.com
PPGE - UFPel
Ana Ruth Moresco Miranda
anaruthmmiranda@gmail.com
PPGE - UFPel

Este trabalho apresenta resultados relativos à percepção do acento prosódico. A coleta de dados foi realizada com crianças dos anos iniciais do EF de uma escola pública de Pelotas/RS. O teste contou com a utilização do *software* TP (Raubert, 2012), no qual foram inseridos 42 estímulos auditivos, cada um composto por um par de pseudopalavras,

totalizando 21 pares idênticos e 21 pares cujas pautas acentuais são contrastantes. As pseudopalavras elaboradas são trissílabas e contemplam as sete vogais disponíveis no sistema para a posição tônica (Camara Jr, 1970). A aplicação do teste contou com a participação de 34 sujeitos, 19 do 3º ano e 15 do 5º ano. Para tal, as crianças ouviram os estímulos por fone de ouvido ligado ao computador, em espaço silencioso localizado nas dependências da escola e foram instruídas a clicar em uma das três opções disponíveis para cada par escutado: igual, diferente ou não sei. Todas passaram por um treino antes da realização do teste. A análise dos dados permitiu verificar um alto índice de acertos (91,5%) no cômputo total de respostas, o que pode revelar, de um modo geral, o conhecimento prosódico das crianças, pois conseguem identificar as semelhanças e os contrastes prosódicos. Observou-se, ainda, que 74% dos erros ocorreram em pares diferentes. Já a análise acerca da qualidade das vogais indica que 42% dos erros correspondem às vogais altas /i/ e /u/, 31% às vogais médias /e/ e /o/, 14% às vogais médias baixas /E/ e /O/ e 13% à vogal baixa /a/.

Palavras-chave: acento prosódico; anos iniciais; teste de percepção.

O PROCESSAMENTO DE “ANTES” E “DEPOIS”: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE LEITORES DO ENSINO SUPERIOR E DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Sara B. dos Santos Ribeiro
UFRJ
sara.ribeiro@ufrj.br

Estudos, em inglês, com orações temporais contendo os conectivos “antes” e “depois” mostram que crianças desempenham melhor as atividades quando a conjunção é “antes” do que quando é “depois” (Bever, 1970; Pyykkönen & Jarvikivi, 2012; entre outros). Baseando-se nestes estudos, o objetivo deste trabalho é investigar o processamento dos conectivos “antes” e “depois” verificando se o conectivo “antes” também é mais facilmente compreendido que o conectivo “depois”, em português. Além disso, pretende-se estudar se o processamento desses conectivos difere ao longo do letramento. O experimento de *eye-tracking* proposto terá dois grupos: (i) alunos de ensino superior e (ii) alunos do ensino fundamental II. Nossa hipótese é de que “antes” seja mais rapidamente processado do que “depois”. Assim, nossa previsão é de que “depois” receba mais tempos de fixação do que “antes”. As variáveis independentes serão conectivo (Antes x Depois) e posição (Primeira x Segunda), gerando quatro condições: (1) (AP) – “Antes de a menina comer a bala, ela bebeu o suco”. (2) (DP) – “Depois de a menina beber o suco, ela comeu a bala.” (3) (AS) – “A menina bebeu o suco antes de ela comer a bala.” (4) (DS) – “A menina comeu a bala depois de ela beber o suco.” As variáveis dependentes serão os tempos médios de leitura na área crítica e o número de acertos nas respostas interpretativas. Os resultados preliminares do

grupo (i) não indicaram efeito principal de conjunção, apenas do fator posição. Pretende-se analisar os resultados do grupo (ii) afim de apresentar um trabalho comparando ambos grupos.

Palavras-chave: conectivos; processamento; eye-tracking.

A INFLUÊNCIA DO USO DE CONECTIVOS COMO RECURSOS DE COESÃO E ARTICULAÇÃO ENTRE ORAÇÕES NO PROCESSAMENTO TEXTUAL

Antonia Barros Gibson Simões
Universidade Federal da Paraíba
antoniagibson@gmail.com
Márcio Martins Leitão
Universidade Federal da Paraíba
profleitao@gmail.com

O presente trabalho investigou a influência da coesão e da coerência no processamento da leitura e da compreensão na articulação entre sentenças. Estudos mostram que a existência de conectivos contribui no processamento textual porque torna mais clara as informações contidas no texto (Noordman, 2015, p.10), além de guiar a expectativa do leitor a respeito do texto (Antunes, 2010, p.135). Apesar disso, apenas a coesão não é capaz de garantir a coerência do texto (Koch e Travaglia, 2007, p.23; Marcuschi, 2008, p.104). Utilizando a técnica online de leitura automonitorada, realizamos tarefa experimental executada por 42 estudantes de graduação da Universidade Federal da Paraíba no intuito de observarmos o processamento textual a partir da manipulação de elementos linguísticos formadores das sentenças, como a coesão (conectivos) e a coerência (palavras semanticamente congruentes ou incongruentes) em sentenças como as seguintes: “Bia/ costurou/ perfeitamente/ o tecido,/ por isso/ o vestido/ está/ impecável”; “Bia/ costurou/ perfeitamente/ o tecido,/ por isso/ o vestido/ está/ defeituoso”. O processamento textual durante a leitura das sentenças da condição congruente não foi influenciado pela presença dos conectivos. Entretanto, a existência do conectivo parece tornar mais evidente a falta de coerência das sentenças da condição incongruente no momento do processamento. Atualmente estamos executando um segundo experimento com e sem conectivos opositores (mas, porém, todavia, etc), após levantamento de frequência e teste de familiaridade relacionados a esses conectivos, além do perfil leitor dos participantes, a ideia é após o teste com universitários, testarmos participantes em vários níveis de escolaridade.

Palavras-chave: conectivos; processamento textual; coesão e coerência.

A INTERFERÊNCIA DA FAMILIARIDADE NO PROCESSAMENTO PSICOLINGÜÍSTICO DE METÁFORAS NO PB

Gladiston Alves da Silva
Universidade Federal Fluminense
gladistonsilva@id.uff.br

Uma das grandes controvérsias sobre o processamento de metáforas diz respeito ao fato de serem elas processadas direta ou indiretamente. (SEARLE, 1979), defende o processamento indireto de metáforas através de um Modelo Pragmático Padrão, onde o ouvinte se utilizaria de três estágios para compreender de forma satisfatória uma expressão metafórica. Por outro lado, outros estudiosos sustentam que as metáforas são interpretadas diretamente, como por exemplo, Ortony *et al.* (1978) e Glucksberg *et al.* (1982). Para esses teóricos, não há necessidade de se fazer uma interpretação literal das metáforas, sendo as mesmas lidas e compreendidas tão rapidamente como qualquer expressão literal. Tais afirmações foram evidenciadas por experimentos. Para apaziguar essas correntes, (BOWDLE; GENTNER, 2005, GENTNER; BOWDLE, 2001, BOWDLE; GENTNER, 1999) desenvolveram a teoria da carreira da metáfora, comprovando, por pesquisa experimental, que as metáforas quando surgem na linguagem, portanto, novas ou de baixa convencionalidade, são processadas indiretamente, enquanto que as metáforas altamente convencionalizadas são processadas diretamente. O presente trabalho buscará avaliar se o alto grau de familiaridade em metáforas pouco convencionalizadas e o baixo grau de familiaridade em metáforas altamente convencionalizadas interferem no processamento das metáforas de modo a inverter a hipótese da carreira da metáfora, sem entretanto, desqualificá-la mas sim fortalecer essa hipótese.

Palavras-chave: familiaridade; metáfora; psicolinguística.

O PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA CATAFÓRICA PRONOMINAL PESSOAL DO PRONOME LEXICALIZADO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO

Pablo Machel Nabot Silva de Almeida
UFPB
machelaureliano@gmail.com
José Ferrari Neto
UFPB
joseferrarin@ibest.com.br

Este trabalho integra resultados oriundos do desenvolvimento de pesquisa em Psicolinguística Experimental com foco no estudo do processamento correferencial catafórico em Português Brasileiro (PB). Compreende uma investigação on-line por via da

técnica experimental da leitura automonitorada (*self-paced reading*), buscando determinar se o Mecanismo Preditivo de Formação de Dependência Ativa, doravante MPFDA, está presente em PB, e se a restrição sintática inerente ao Princípio C da Teoria da Ligação (CHOMSKY, 1981) juntamente com os traços-phi (ϕ) de gênero interferem na ação do Mecanismo de Busca Ativa junto à computação de tais relações. Os resultados apontaram para a não manifestação de uma MPFDA operante em PB. As evidências não sugerem a operacionalização do mecanismo nem segundo a formação de dependência ativa forte, altamente preditiva e fortemente *top-down* (KAZANINA, 2005; KAZANINA et. al., 2007) nem consoante a conformação de dependência ativa fraca, mais *bottom-up* apesar de ainda prognóstica e *top-down* (VAN GOMPEL & LIVERSEDGE, 2003). O experimento evidenciou, ainda, que a informação morfológica genérica é computada antes que haja o estabelecimento da relação correferencial catafórica (COWART & CAIRNS, 1987), sendo o processamento correferencial catafórico mais orientado por uma postura *bottom-up*. Os dados revelam também que o processamento correferencial catafórico é sensível ao Princípio C, mas não de forma absoluta, uma vez que a atuação desta restrição tanto é influenciada quanto modelada pelos traços-phi (ϕ). Enfim conclui-se que o *parser*, em PB, processa a correferência catafórica de modo restrito e acurado gramaticalmente em termos morfossintáticos e conforme uma orientação de processos *bottom-up*.

Palavras-chave: Processamento Correferencial Catafórico; Mecanismo de Busca Ativa; Princípio C e Traços-Phi (ϕ) de Gênero.

SOBRE A NOÇÃO DE TERCEIRO FATOR DE CHOMSKY E A HIPÓTESE DA ASSIMETRIA NO PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM

Fernando Lúcio de Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro
fernandolucioufrj@gmail.com

Este trabalho trata das noções de *terceiro fator* (CHOMSKY, 2005; 2012; 2013) e de *assimetria* discutidas em Oliveira (2017). O objetivo é demonstrar que a perspectiva biolinguística que dá base a esses artigos traz à luz ideias de grande relevância para a compreensão do fenômeno da linguagem, como a influência de um “terceiro fator”. Esse termo incluiria a “assimetria”, que pode ser demonstrada como influente não só na natureza e em organismos vivos, como também no cérebro e na linguagem, especificamente (cf. MC.MANUS, 2013; GLEISER, 2014; OLIVEIRA, 2017). Uma das assimetrias específicas percebidas no processamento da linguagem humana seria a Assimetria Sujeito-Objeto (HOFMEISTER et.al., 2007; OLIVEIRA & MAIA, 2010; OLIVEIRA, 2013; 2017a; 2017b; *inter.alia.*). Foram testadas interrogativas-QU de sujeito e de objeto do português brasileiro e do português europeu. Os resultados com as técnicas de *self-paced reading*, *eyetracking* e EEG apontam preferência de processamento para interrogativas-QU

de sujeito na maioria das comparações, prioridade da sintaxe nos procedimentos de *parsing* e atuação de um princípio de terceiro fator: *assimetria*. O achado mais importante foi a eliciação de um N400 indicando que o processamento do sujeito só se faz por inteiro quando o objeto entra na estrutura, o que também foi encontrado nos experimentos 2 e 3 e em resultados recentes (FRANÇA & GOMES, 2015; FRANÇA et.al, 2007).

Palavras-chave: processamento; assimetria; terceiro fator.

**PREFERÊNCIAS OFF-LINE CRONOMÉTRICAS E NÃO- CRONOMÉTRICAS NA
AMBIGUIDADE DE APOSIÇÃO ESTRUTURAL DE ADJETIVOS EM DPs COMPLEXOS EM
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Graziele Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro
grazi-bouvier@hotmail.com

O presente estudo investiga a preferência de aposição do atributo em construções como “Menina de bicicleta pequena”, a fim de se verificar a aplicabilidade em termos do Princípio *Late Closure* (FRAZIER, 1979), que dita haver um favorecimento pela aposição local da estrutura. O presente estudo analisa contextos que possuem informações semânticas ou prosódicas que podem interferir na decisão imediata do participante. A fim de se desenvolver um programa de investigação para o tema em questão, foram realizados dois experimentos para aferir a preferência dos falantes. O primeiro experimento consistiu em um teste *off-line* de questionário, verificando o efeito dos fatores ‘Animacidade e Aposição Sintática’ na escolha forçada do participante ao interpretar os DP’s e desfazer a ambiguidade, após a leitura de frases. O segundo teste trata-se de um experimento *off-line* cronométrico onde analisa-se a influência da pista prosódica na desambiguação das frases, durante a audição dos estímulos, manipulando-se pausa e acento de intensidade sistematicamente na posição do primeiro SN ou do segundo. Os resultados obtidos no experimento de questionário demonstraram um efeito principal de aposição sintática ($F(1,159) = 754$ $p < 0,000001$), indicando que o Princípio *Late Closure* atuou na preferência dos participantes. No segundo experimento, os tempos médios de decisão indicaram um efeito principal de aposição sintática ($F(1,159) = 4,88$ $p < 0,028549$), demonstrando que o Princípio *Late Closure* parece sobrepular a manipulação prosódica dos itens e continua interferindo na decisão dos participantes, que preferiram concatenar o atributo ao SN mais baixo, mesmo com a prosódia facilitando o contrário.

Palavras-chave: ambiguidade; aposição sintática; *Late Closure*.

O EFEITO DA LACUNA PREENCHIDA E A INFLUÊNCIA DISCURSIVA EM INTERROGATIVAS-QU

Amanda Rocha Araújo de Moura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
aram.amanda@gmail.com

O Efeito da Lacuna Preenchida (ELP) foi primeiramente postulado por Stowe (1986) estudo em que foram analisadas frases em inglês com a posição de objeto direto preenchida. Em Português Brasileiro, Maia (2014a) testou frases “[Que livro]_i o professor escreveu **a tese** sem ler v_i antes?”. Foi observado um efeito surpresa do *parser* ao se deparar com o segmento [a tese] preenchendo a lacuna após o verbo “escreveu”. Em Altmann (1988, 1998) é discutido que o conhecimento de informação contextual prévia pode influenciar significativamente durante a fase *online* do processamento. O presente trabalho pretendeu investigar a questão da influência discursiva no processamento sintático, usando o ELP como diagnóstico, ou seja, contextos sintáticos em que há postulação de lacunas de objetos após verbos transitivos com interrogativas-QU referenciais. Utilizou-se, em um primeiro momento, a técnica de leitura automonitorada. Nossos resultados trouxeram evidências de que, embora não impeça a ocorrência do ELP, o discurso exerce efeitos no processamento. Quando o foco do discurso estava no elemento-Qu, como em “Guilherme acabou de descascar a pera. [Que pera] Guilherme descascou **a maçã** após lavar em cima do balcão?”, o discurso funcionou como um elemento facilitador no processamento. Entretanto, nas condições em que o discurso focou no objeto que preenchia a lacuna, como em “Guilherme acabou de descascar a maçã. [Que pera] Guilherme descascou **a maçã** após lavar em cima do balcão?”, o discurso não funcionou como elemento facilitador e maiores tempos de leitura foram gerados quando o elemento ativado no discurso apareceu tardiamente.

Palavras-chave: Processamento; Efeito da Lacuna Preenchida; Discurso.

NATUREZA SINTÁTICA DOS VERBOS DE LIGAÇÃO

Gláucia do Carmo Xavier
IFMG
Kelly Cesário de Oliveira
PUC-MG
Eduardo Kenedy
UFF
eduardokenedy@id.uff.br

Nosso pôster apresentará os resultados de uma pesquisa descritiva sobre o processamento dos verbos de ligação com o objetivo de elaborar uma classificação formal, baseada nos dados do português do Brasil (PB), a fim de responder à questão: qual é a natureza sintática dos verbos de ligação? Em particular, buscamos identificar as diferenças existentes entre verbos de ligação, verbos inacusativos, verbos de cópula e verbos de alçamento. Foram elaboradas tabelas sobre as diferenças e as semelhanças nas características sintáticas e semânticas das quatro tipologias verbais, além do recurso à representação derivacional. Na pesquisa, o status morfossintático das miniorações tem sido explorado como fenômeno – ainda à espera de uma descrição linguística mais detalhada – relacionado à ocorrência de verbos de ligação em PB. Foram analisadas 36 sentenças divididas em quatro grupos em que os seguintes verbos estão presentes: ser, estar, continuar, ficar, andar, virar, viver, parecer, permanecer e encontrar-se. As sentenças passaram por testes psicolinguísticos que buscaram identificar a intuição de falantes nativos de PB em relação à inacusatividade, além de terem sido submetidas a testes formais de verificação das características de alçamento. Os resultados indicam que os verbos de ligação são inseridos diretamente na camada funcional, justamente devido às características sintáticas elencadas aos verbos de ligação. Esta pesquisa tem o apoio da Fapemig, colaboração de uma bolsista BIC e previsão de término em setembro de 2018.

Palavras-chave: processamento; verbos de ligação; sintaxe; categorias funcionais e lexicais.

ATRAÇÃO E ENCAIXAMENTO: PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA POR ATRAÇÃO EM SENTENÇAS COM AMBIGUIDADE TEMPORÁRIA

Patrícia Perina de Oliveira
Universidade Estadual de Campinas
patiperina26@gmail.com
Thiago Oliveira da Motta Sampaio
Universidade Estadual de Campinas

Nas pesquisas sobre ambiguidades, geralmente estudamos sentenças que podem ser interpretadas em mais de uma estrutura como "*O guarda viu o turista com o binóculo*", geralmente resolvida através do princípio *late closure*. Já nos estudos da concordância, ao inserirmos um sintagma interveniente entre o SN sujeito e o verbo, não é raro encontrarmos sentenças em que o falante realiza a concordância com o nome interveniente, como "*João, que era amigo dos produtores, comeram o bolo*", fenômeno conhecido como Concordância por Atração. Considere agora o exemplo "*O repórter assustou o assessor dos políticos que estava/m na reunião*". Se considerarmos o princípio *late closure*, é possível prever que o processamento da sentença com o verbo no singular

(compatível com o *early closure*) será mais custoso que aquela com o verbo no plural (compatível com o *late closure*). O presente trabalho apresenta um experimento que busca verificar a interferência da concordância por atração no processamento de sentenças ambíguas. Para isso, elaboramos um experimento de leitura auto-monitorada usando sentenças experimentais que foram divididas em 8 condições, sendo 4 com ambiguidades temporárias (cruzando a concordância de número e o encaixamento), duas com ambiguidades permanentes (ambos os nomes concordando com o verbo) e 2 agramaticais (nenhum nome concorda com o verbo). Os participantes foram instruídos a julgar a gramaticalidade de cada estímulo. Os resultados ainda estão em fase de análise.

Palavras-chave: concordância por atração; ambiguidades; processamento de sentenças.

O PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA PRONOMINAL EM POSIÇÃO DE SUJEITO E EM POSIÇÃO DE OBJETO - UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PORTUGUÊS BRASILEIRO (PB) E PORTUGUÊS EUROPEU (PE)

Katharine de Freitas P. N. A. da Hora
Universidade Federal do Rio de Janeiro
freitas.katharine@gmail.com

A fim de definir o nível de distanciamento entre o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE), muitos linguistas têm tomado como base o modelo Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), com a finalidade de explicar como os Princípios da GU fundamentam os parâmetros em cada variante. Espera-se mostrar, a partir de testes de rastreamento ocular, que o Português do Brasil e o Português Europeu apresentam diferenças importantes no que diz respeito à utilização da categoria vazia tanto em posição de sujeito quanto em posição de objeto. Os resultados nos mostram que, em posição de sujeito, a posição estrutural da sentença foi totalmente levada em consideração, sendo os antecedentes mais proeminentes retomados com mais facilidade quando o antecedente era nulo. Já quando o pronome era pleno observamos que os antecedentes a serem retomados, tanto o mais saliente quanto o menos proeminente, tiveram tempos de fixação bem próximos, e mais baixos do que os tempos de fixação das condições com pronome nulo, indo contra ao que vem sendo referido na literatura a respeito da produtividade do pronome pleno em PE. Nas estruturas em que testamos o objeto nulo em PE, em uma análise preliminar pudemos observar que o pronome nulo é aceito e compreendido em PE. Tal observação faz com que não o classifiquemos como uma língua de objeto pleno sempre. A não realização do pronome é aceita e, de acordo com os resultados *off-line*, não dificultam a interpretação das sentenças.

Palavras-chave: processamento; sujeito nulo; objeto nulo.

DA PSICOLINGUÍSTICA PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA: UMA PROPOSTA POLITÉCNICA

Sabrina Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

sabri.lobes.santos@gmail.com

Thiago Camargo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

camargothiago@gmail.com

Paulo Cezar Maia

Universidade Federal do Rio de Janeiro

paulomacae@gmail.com

Este trabalho apresenta uma atividade de tradução intersemiótica (PLAZA, 1987), sob o viés da educação politécnica (SAVIANI, 2003), buscando um diálogo entre a Psicolinguística Experimental, Linguística Teórica e Educação Básica, no âmbito do projeto “Linguística para a Educação Básica: fomentando a capacidade científica através da linguagem” (FAPERJ/UFRJ). O objetivo da atividade focou na compreensão de como ponto de vista e ambiguidade podem se configurar estruturalmente no período. A atividade foi realizada com uma turma de oitavo ano do Ensino Fundamental, cujos alunos haviam sido submetidos a testes de rastreamento ocular. Os resultados experimentais indicaram uma correlação entre pouca proficiência em leitura e dificuldades de computação de estruturas oracionais nos períodos (MAIA, no prelo). A partir da leitura e análise do capítulo “A Baleia” do romance “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos, e de uma cena do filme homônimo, de Nelson Pereira dos Santos, os estudantes foram orientados a construir uma revista *zine*, apresentando uma narrativa do ponto de vista da personagem “Baleia” por meio de sentenças e imagens ambíguas. No decorrer da atividade, buscou-se trazer à tona a consciência linguística dos estudantes, estimulando-os a pensar de forma científica e metacognitiva sua própria língua (HONDA & O’NEIL, 1993; MAIA, 2010). Optou-se pela tradução intersemiótica por dois motivos fundamentais: a possibilidade de se analisar os elementos essenciais que compõem as semioses envolvidas (e.g., o texto literário e o filme) e a conectividade e aderência que este tipo de atividade estabelece entre o leitor/espectador e o objeto a ser traduzido.

Palavras-chave: Psicolinguística; Educação Básica; Politecnia.

O PROCESSO DE REVISÃO DE TEXTO NO ENSINO FUNDAMENTAL: O DIZER E O FAZER

Jessica Silva Barcellos
PUC-Rio / CPII
jessybarcellos@gmail.com
Erica dos Santos Rodrigues
PUC-Rio
ericasr@puc-rio.br

Desenvolver a competência de escrita é uma das grandes atribuições do Primeiro Segmento do Ensino Fundamental. Os processos de ensino e aprendizagem relacionados a esse tema estão longe de serem triviais e, apesar disso, ainda temos poucas diretrizes que estruturam esse trabalho. Diferentes concepções de escrita coexistem e prevalecem nas diferentes esferas escolares. Este trabalho investiga tais concepções, focando, sobretudo, no processo de revisão textual. Buscou-se examinar como crianças com diferentes níveis de domínio da escrita definem o processo de revisão textual e também identificar as principais alterações que esses alunos fazem em seus textos. Vinte e dois alunos do 3º ano do Ensino Fundamental e quarenta e um do 5º ano foram solicitados a escrever um texto explicando o que é revisão textual e qual a importância dessa prática. Verificou-se que ao longo dos anos de escolaridade há uma expressiva ampliação no conceito de revisão textual adotado pelos alunos. Ao fim do 1º ciclo, os alunos caracterizam a revisão como um processo de edição de erros e privilegiam modificações de caráter mais mecânico, associadas, sobretudo, ao nível da palavra. Já ao final do 2º ciclo, passam a caracterizar a revisão como um momento de rever o texto, colocando-se no lugar do leitor e avaliando tanto o conteúdo produzido quanto os aspectos formais do texto. Em ambos os grupos, verificou-se certa semelhança entre o que os alunos pensam sobre revisão e o que levam em conta quando revisam, havendo um número consideravelmente maior de modificações nos textos do 5º ano.

Palavras-chave: revisão textual; desenvolvimento da escrita; produção de textos na escola.

MÚLTIPLAS GRAMÁTICAS: UM ESTUDO SOBRE A DIGLOSSIA ENTRE O VERNÁCULO E A ESCRITA CULTA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Moíra do Nascimento Souza
Universidade Federal Fluminense
moira.n.souza@gmail.com

O presente trabalho pretende identificar, descrever e avaliar as dessemelhanças nas estruturas sintáticas entre o vernáculo e a escrita padrão do Português Brasileiro. Há parametrizações que diferenciam as modalidades de língua falada e escrita, que conferem o caráter de segunda língua à variedade escrita na mente de brasileiras e brasileiros

oriundos das camadas populares do país, o que gera implicações tanto no letramento escolar quanto no letramento social desses indivíduos. Baseando-se nas hipóteses de Kato (2005), Roeper (1999) e Kenedy (2016), entendendo que há regras linguísticas excludentes entre as variedades vernaculares do Português brasileiro e a escrita padrão e que uma das causas para fracasso escolar é a dificuldade na eficiência da compreensão e produção da escrita, pois é um conhecimento que sustenta e se relaciona de modo mais ou menos estreito com outras disciplinas, o trabalho pretende investigar traços linguísticos presentes em uma modalidade (escrita culta) e ausentes em outra (vernáculo) para refletir sobre uma outra forma de abordagem pedagógica no ensino e aprendizagem da norma culta da Língua Portuguesa no espaço formal de ensino com o objetivo de reduzir o analfabetismo considerando a contextualização do indivíduo que engloba fatores de ordem cultural, histórica e socioeconômica.

Palavras-chave: Múltiplas gramáticas; processamento da escrita; letramento.

TEMPO DA LEITURA SILENCIOSA E EM VOZ ALTA COM JOVENS, ENVELHESCENTES E PESSOAS DA TERCEIRA IDADE

Maria Augusta Rocha Porto
Universidade Federal de Sergipe
mariaaugusta.porto@gmail.com

Este estudo visa aferir o tempo de leitura, em português e em inglês, de modo silencioso e em voz alta, e o controle do movimento ocular (quantidade e duração das fixações e regressões), com três grupos experimentais (10 de cada): jovens, envelhescentes e pessoas da terceira idade, com o uso de aparelho eye-tracking Eye Tribe. O padrão estabelecido é que jovens leitores hábeis leem mais rápido, em 200 a 250 ms, podendo chegar a 350 ms; para outros tipos de leitores, como envelhescentes e pessoas da terceira idade, a variabilidade pode passar de 500 ms (VONK; COZIEN, 2003; RAYNER, 2007; DEHAENE, 2012). Os resultados obtidos apontam que o grupo de participantes jovens se diferenciou dos outros dois grupos, com tempo de 200 a 250 ms. O grupo de jovens obteve um tempo maior no inglês do que na leitura em português. Os participantes da terceira idade apresentaram um número muito maior estabelecido ao padrão de leitura de 500 ms, apresentando um valor de 600-650 ms. Nos textos em inglês, o tempo foi maior entre as três categorias. Os participantes leram os textos em inglês e em voz silenciosa, mais rápido do que os textos em voz alta.

Palavras chave: Tempo de leitura; Envelhecimento; Rastreamento ocular.

**PRECISÃO NA DECODIFICAÇÃO COM AUTOMATICIDADE:
UM MODELO DE ANÁLISE**

Alessandra Pereira Gomes Machado
Universidade Federal de Sergipe
alessnadrasje@hotmail.com

Este estudo objetiva apresentar um modelo de análise da precisão na avaliação da fluência em leitura oral. A precisão atende à aferição do processo de decodificação da palavra escrita na leitura em voz alta. O aporte teórico para construção desse modelo funda-se na automaticidade da decodificação (LABERGER, SAMUELS, 1974) e no acesso às rotas de leitura (COLTHEART, 2013). Na análise das estratégias de predição, utilizamos o constructo do *guessing game* de Goodman (1967) para verificar as predições feitas pelo leitor que nos dão pistas do conhecimento prévio e linguístico que contribuem para tentar compreender o texto lido. Essas estratégias também nos possibilitam identificar o monitoramento da leitura (SMITH, 2004). O estudo foi realizado com estudantes dos 6º e 9º anos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Sergipe. A sessão de gravação da leitura em voz alta foi realizada com 147 estudantes, de 10 a 17 anos de idade. A análise foi realizada em 1 minuto da leitura em voz alta de dois textos adequados ao currículo do leitor (DENO, 2003). Os primeiros resultados indicam que o tratamento do “erro” baseado no contínuo rural-urbano (BORTONI-RICARDO, 2004) possibilitou identificar os traços graduais, fenômenos variáveis presentes na oralidade de quase todos os brasileiros, transpostos para a leitura em voz alta e o acesso à rota lexical, mostrando que o leitor faz uso de seu repertório linguístico para compreender o texto, permitindo verificar a automaticidade na decodificação, a qual é basilar para o processamento da leitura.

Palavras-chave: leitura em voz alta; rotas de leitura; traços graduais.

**PSICOLINGUÍSTICA E ESTRATÉGIAS DE LEITURA: UM ESTUDO COM RASTREADOR
OCULAR**

Ana Carolina Henaut
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Adana Bastos
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Maria Gabriela de Melo
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marília Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Daniela Cid de Garcia

Universidade Federal do Rio de Janeiro
daniela@letras.ufrj.br

A leitura pode ser vista desde como um processo de decodificação sonora até uma prática social, sensível a fatores culturais e ideológicos. Levando em conta aspectos psicolinguísticos, este trabalho tem como objetivo observar como a estratégia de leitura pode ser modulada por uma pergunta interpretativa. Para tal, conduzimos um experimento exploratório com rastreamento ocular, baseado nas visões de Kato (1986) e Kleiman (1993). Foram selecionados textos de diversos gêneros. A tarefa era fazer, primeiramente, uma leitura livre. Em seguida, os participantes eram expostos a uma pergunta interpretativa. Por último, o texto em questão era reexibido para que fosse possível fazer uma segunda leitura, e então, o voluntário respondesse à questão oralmente. A partir de uma análise qualitativa, observou-se que os participantes exploram o texto amplamente na primeira leitura. Observam-se também algumas fixações regressivas que normalmente indicam a tentativa do leitor de confirmar ou revisar sua interpretação em casos de ambiguidade, situações de sintagmas complexos ou ainda frases com muitos elementos intervenientes. Na segunda leitura, observou-se estratégia distinta, em que os participantes rastreavam no texto itens lexicais que pudessem dar pistas para encontrar informação específica que as respondesse. Dessa forma, podemos destacar que as estratégias utilizadas a partir das perguntas interpretativas restringiram as porções de texto reanalisadas. Notou-se também que os padrões de movimento ocular mostraram-se distintos entre os textos, aparentemente modulados pela complexidade estrutural.

Palavras-chave: leitura; rastreador ocular; complexidade estrutural

EFEITOS DA ANIMACIDADE DO OBJETO DIRETO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: EVIDÊNCIAS DE MOVIMENTAÇÃO OCULAR

João Marcos Munguba Vieira
Universidade Federal do Ceará
joaomvieira@gmail.com
Brenda Kessia Arruda de Souza
Universidade Federal do Ceará
brendasouza@letras.ufc.br
Elisângela Nogueira Teixeira
Universidade Federal do Ceará
elisteixeira@letras.ufc.br

Investigamos a influência da presença do traço de animacidade [$\pm$ animado] nos nomes com função de objeto direto. Animacidade é um fator semântico distribuído diferentemente em sujeitos e objetos. Há indícios de maior presença de termos animados na função de

sujeito das frases. Estudos sugerem que é mais custoso o processamento de frases com sujeitos e objetos animados, possivelmente porque é menos frequente o traço [+ animado] na posição de objeto direto, e mais frequente o traço [- animado] (Czypionka, 2013; Paczynski e Kuperberg, 2011). No Português Brasileiro, investigamos a hipótese de que a animacidade influencia o processamento da frase, mais especificamente, do objeto direto, em função da restrição verbal, fator não considerado em estudos anteriores. Utilizamos quatro condições experimentais (verbos com restrição para objeto animado, com restrição para objeto inanimado, e verbos que permitem objetos animados e inanimados). A tarefa consistiu em leitura de frases na tela de um computador acoplado a um rastreador ocular. Os dados analisados foram os tempos de fixação ocular em três regiões da frase: verbo, objeto, e região posterior ao objeto. Em português brasileiro não encontramos efeito principal de animacidade para verbos com e sem restrição. O efeito principal apareceu no tempo total de fixação em frases que continham verbos com restrição para o traço [+ animado] e verbos sem restrição acompanhados de objetos com traço [+ animado]. De acordo com nossa interpretação dos resultados, as condições sem restrição verbal para animacidade do objeto direto aparentemente potencializam a influência da animacidade.

Palavras-chave: animacidade; processamento de frases; movimentação ocular.

INTERFACES NA AQUISIÇÃO DE PROPRIEDADES DISCURSIVAS DO ESPANHOL COMO L2

Carla Mota Regis de Carvalho
Universidade Federal Fluminense
carlamota@id.uff.br

Pesquisas recentes sobre aquisição de L2 e bilinguismo buscam verificar a relação entre as interfaces do sistema linguístico e os componentes externos à gramática para compreender as dificuldades vividas pelos aprendizes de L2. (White, 2011) A Hipótese das Interfaces propõe que estruturas envolvendo uma interface entre sintaxe e outros domínios cognitivos são menos propensas a ser adquiridas completamente se comparadas a outras não envolvendo essa interface. (cf. SORACE, 2011) Assim, estruturas que exigem apenas computações sintáticas gerariam menos custo e mais facilidade no curso da aquisição de L2, inversamente, a necessidade de integração entre a sintaxe-discurso ou sintaxe-pragmática, por exemplo, acarretariam maior custo ao aprendiz. Para Sorace (2003, 2009) certas características interpretáveis como a mudança de tópicos são fonte de problemas contínuos na interface sintaxe-discurso. Por meio de uma abordagem experimental e à luz da HI, pretende-se investigar a aquisição de espanhol como L2 a partir de estruturas com verbos inergativos e inacusativos envolvendo propriedades discursivas relacionadas à posição argumental, pois de acordo com Correa (2010), tais verbos se comportam de maneiras distintas em PB e espanhol. Durante a pesquisa serão elaborados experimentos

on-line, *off-line* e *off-line* controlado, respectivamente, leitura automonitorada, produção induzida e julgamento de aceitabilidade que serão aplicados a dois grupos controle (monolíngues de PB e espanhol) e a dois grupos experimentais (bilíngues de espanhol e PB).

Palavras-chave: aquisição de segunda língua; interface sintaxe-discurso; psicolinguística.

O PROCESSAMENTO DE PHRASAL VERBS FIGURATIVOS: EVIDÊNCIA DOS MOVIMENTOS OCULARES DE FALANTES NÃO-NATIVOS DE INGLÊS

Danielle dos Santos Wisintainer
Universidade Federal de Santa Catarina
wisintainer.ds@gmail.com

Mailce Borges Mota
Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq
mailce.mota@ufsc.br

Estudos sobre a aprendizagem de *phrasal verbs* demonstram que os falantes não-nativos apresentam dificuldades na interpretação e compreensão dos significados figurativos desse tipo de verbo. No presente estudo, investigou-se o processamento de *phrasal verbs* figurativos e verbos lexicais em falantes nativos e não-nativos de inglês por meio do rastreamento ocular. Movimentos oculares de 12 falantes avançados de inglês como L2 foram comparados aos de 12 falantes nativos de inglês durante a leitura de sentenças contendo *phrasal verbs* figurativos e verbos lexicais. Os resultados sugerem que na medida de tempo total de leitura, os falantes não-nativos de inglês, em comparação com falantes nativos, tiveram mais dificuldade em processar *phrasal verbs* figurativos do que verbos lexicais. Esses resultados foram interpretados como evidência de que os falantes não-nativos tentaram analisar cada componente do item do *phrasal verb* figurativo (e.g. *to figure out*). Os resultados são discutidos à luz das teorias sobre o processamento de linguagem figurativa e literal.

Palavras-chave: phrasal verb; processamento; movimento ocular.

**RASTREANDO O PAPEL DO MORFEMA NA LEITURA DE PALAVRAS MULTISSILÁBICAS
EM KARAJA**

Daniela Cid de Garcia
Universidade Federal do Rio de Janeiro
daniela@letras.ufrj.br
Cristiane Oliveira
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Por possuir uma morfologia aglutinativa, gerando palavras com muitas camadas morfológicas, a língua Karajá disponibiliza um material importante para se estudar os movimentos oculares na leitura de palavras extensas. Na literatura sobre o processamento de palavras, existe evidência para uma invisibilidade de computações composicionais após o acesso à raiz, de modo que um aumento de camadas morfológicas não acarretaria em maior custo de processamento (França, 2008). E estudos sobre a neurobiologia da leitura indicam que a palavra escrita se organiza em uma árvore hierárquica em que grafemas vão sendo agrupados em unidades maiores, e que o leitor se move por diferentes níveis de representação até chegar ao sentido (Dehaene, 2010). Neste estudo, comparamos a atividade ocular em áreas equivalentes em palavras multimorfêmicas (*rihonymyhyre* – 3 camadas morfológicas) e em palavras simples (*telukumakari* – 1 camada morfológica), de mesmo tamanho, em um teste de decisão lexical em que as palavras foram apresentadas isoladamente. Participantes foram orientados a responder se as palavras lidas existem ou não em Karaja, à medida que tiveram a atividade ocular monitorada, com o auxílio de um rastreador ocular. Os resultados obtidos mostram que representações sublexicais com valor morfológico, como as sílabas das raízes verbais, engendram menos fixações do que sílabas de mesmo tamanho sem valor morfológico. Portanto, esses resultados indicam que a leitura de palavras pode ser facilitada pela morfologia, não apenas em línguas flexionais, mas, também, em línguas aglutinantes, que tendem a apresentar palavras formadas por muitas camadas morfológicas.

Palavras-chave: rastreamento ocular; karaja; morfologia.

**AQUISIÇÃO DOS PAPÉIS TEMÁTICOS DE VERBOS PSICOLÓGICOS: EVIDÊNCIAS DE
MOVIMENTAÇÃO OCULAR**

Ana Paula Martins Alves
Universidade Federal Rural da Amazônia
anamarinsalves@gmail.com
Elisângela Nogueira Teixeira
Universidade Federal do Ceará
elisteixeira@letras.ufc.br

Maria Elias Soares
Universidade Federal do Ceará
melias@ufc.br

Assumindo uma concepção de aquisição da linguagem pautada nos pressupostos gerativistas e considerando as postulações do *bootstrapping* semântico, este trabalho investigou como crianças, em diferentes estágios de aquisição da linguagem, compreendem os papéis temáticos de sujeito e de objeto de verbos psicológicos. Foram testadas quatro classes de verbos psicológicos (TEMER, PREOCUPAR, ACALMAR e ANIMAR), segundo a proposta de Cançado (1995). Os participantes realizaram uma tarefa de compreensão auditiva de 20 sentenças experimentais (Ex.: *A Maria ama a mãe.*). Em seguida, as crianças foram convidadas a escolher a personagem que correspondia à resposta das perguntas que focalizavam ora o sujeito ora o objeto das sentenças (*Quem ama?/ Quem é amada?*). Durante a tarefa, foram registradas as movimentações oculares de 72 crianças, com idade entre 3 e 8 anos, divididas em três faixas etárias. Os resultados sugerem que a alternância de posição sintática do papel temático de *experenciador* é característica relevante para a compreensão de verbos psicológicos, nas crianças com idade entre 3 e 6 anos. No que diz respeito à compreensão dos papéis temáticos em posição sintática de sujeito e de objeto, os resultados indicaram nas três faixas etárias que o aspecto mais causativo presente no papel temático do argumento externo, torna menos acessível a compreensão do *experenciador*, em posição sintática de objeto. Os resultados revelaram ainda que os verbos psicológicos da classe PREOCUPAR demandam maior custo de processamento para as crianças com idade entre 3 e 6 anos, embora sejam mais frequentes no Português Brasileiro.

Palavras-chave: verbos psicológicos; aquisição da linguagem; movimentação ocular.

A COMPREENSÃO DE ENUNCIADOS QUE EXPRESSAM ESTADOS MENTAIS NO TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO

Carolina de Abreu Peixoto
Universidade Federal do Ceará-UFC
carollina_alves@hotmail.com
Dalva Maria Farias Fernandes
Universidade Federal do Ceará-UFC
dalvamffernandes@gmail.com
Elisângela Nogueira Teixeira
Universidade Federal do Ceará-UFC
elisteixeira@letras.ufc.br

A teoria da mente (ToM), a habilidade de compreender estados mentais, é considerada indispensável para o estabelecimento das interações sociais e para o desenvolvimento da linguagem. Estudos de Wimmer e Perner (1983), Baron-Cohen, Leslie e Frith (1985) e Frith (1995) investigaram a vinculação entre ToM, déficits especificamente linguísticos (DEL) e transtorno do espectro do autismo (TEA), buscando encontrar relações de interdependência. Indivíduos diagnosticados com TEA apresentam atrasos no processamento da ToM, o que pode estar, de acordo com nossa hipótese, relacionado às dificuldades referentes à compreensão de enunciados que expressam estados mentais. Para investigar esta relação, estudamos crianças com TEA leve e comparamos com um grupo controle. Realizamos testes prévios para avaliar o nível de ToM dos grupos estudados antes de realizar uma tarefa experimental. A tarefa consistia na identificação da frase ouvida com a figura correspondentes (alvo) em meio a três figuras competitivas. O movimento ocular dos participantes foi registrado. As frases foram manipuladas para a posição do adjetivo que expressa o estado mental, com duas condições experimentais: adjetivo na relativa; adjetivo na matriz. Os resultados sugerem uma correlação entre o nível de ToM e o tempo de reação de cada grupo. O grupo com TEA reflete uma movimentação ocular de padrão diferente do controle, em função das métricas registradas. Como é apontado na literatura, a relação entre ToM, DEL e TEA é controversa, no entanto, neste experimento, a posição sintática do adjetivo (variável estritamente linguística) revelou distinções entre o desenvolvimento de ToM e o DEL em TEA.

Palavras-chave: transtorno do espectro do autismo, movimentação ocular, processamento linguístico.

ESTATUTO SINTÁTICO DA CATEGORIA VAZIA NA TOPICALIZAÇÃO À ESQUERDA SEM RETOMADA PRONOMINAL EXPLÍCITA NO PB: UM ESTUDO DE RASTREAMENTO OCULAR

Lorrane da Silva Neves Medeiros Ventura
Universidade Federal do Rio de Janeiro
lorranesnm@hotmail.com

Com o objetivo de oferecer evidências que sustentem a hipótese de que certas topicalizações no português do Brasil (PB) seriam geradas via movimento sintático (MEDEIROS, 2017), o presente estudo verificou contextos de topicalização à esquerda onde a Condição de subjacência (CHOMSKY, 1973) é violada, levando em consideração frases em que a retomada do elemento topicalizado se dá por meio de um pronome ou por uma categoria vazia. O presente estudo reporta resultados de experimento de rastreamento ocular, onde foram investigados contextos em que uma categoria vazia ou um pronome resumptivo poderia realizar a retomada do SN topicalizado em estruturas subjacentes e

não-subjacentes em PB. Os resultados do estudo vão em direção aos achados de Maia (1997), que identificou, em estudo de priming, que categorias vazias reativam mais diretamente elementos em posição A-barra, enquanto pronomes, por sua vez, reativam mais diretamente elementos em posição-A. A tabela indica as latências totais de fixação, progressivas e regressivas, obtidas:

IV	IP	NV	NP
732	927	739	959

Os dados obtidos na medida Total time da região crítica indicaram efeito principal de preenchimento da lacuna ($F(1,95) = 8,99$ $p < 0,003471$). Os testes-t pareados indicaram diferença estatística significativa tanto entre as condições subjacentes ($p < 0,0176$), quanto entre as condições não-subjacentes ($p < 0,0447$). A partir desses resultados, propõe-se que a categoria vazia em questão trata-se de um vestígio. Tais achados colocam em xeque hipóteses de achados anteriores da literatura, que consideram que os tópicos seriam gerados na posição onde são pronunciados (MIOTO, 2001; KATO, 2010; GUESSER; MIOTO, 2016).

Palavras-chave: Topicalização; Português do Brasil; Rastreamento ocular.

INVESTIGANDO O PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA PRONOMINAL EM SENTENÇAS AMBÍGUAS: UM ESTUDO PSICOLINGÜÍSTICO COM A METODOLOGIA DE EYETRACKING

Ana Luiza Henriques Tinoco Machado
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Analuiza_tinoco@hotmail.com
Aniela Improta França
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Marcus Maia
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O foco deste trabalho é a influência da semântica verbal no processamento da correferência em sentenças como as dos exemplos a seguir, que alternam pronomes plenos e categorias vazias na retomada do antecedente: (i)O frentista chamava o cliente enquanto ele/___ tomava a água no posto; (ii)O frentista chamava o cliente enquanto ele/___ conferia o motor no posto; (iii)O frentista chamava o cliente enquanto ele/___ pagava a conta no posto. Em Machado (2016) e Machado et al (no prelo) a existência de dois tipos de fatores ocorrendo com cada tipo de sentença. Estamos aplicando testes de metodologias diferentes das de Machado (2016) e Machado *et al* (2018 - a aparecer) a partir da técnica de rastreamento ocular para que obtenhamos uma medida das fixações oculares referentes às leituras das sentenças que trabalhamos e, dessa forma, nossa pesquisa consegue explorar ainda mais as

possibilidades de afetação semântica e sintática que podem influenciar o processo da retomada do antecedente do pronome. Nossos resultados preliminares seguem Machado *et al* (2018 - a aparecer) em relação à participação do processamento da correferência de fatores sintáticos relativos aos pronomes, que atuam primeiro, fatores semânticos inerentes à raiz e, ainda, recursos cognitivos da memória poderiam atuar relacionados à recência dos antecedentes disponíveis e, indicam assimetria sujeito-objeto em medidas como *First Fixation Duration* e *Total Fixation Duration*.

Palavras-chave: correferência pronominal; semântica verbal; assimetria sujeito-objeto.

ANÁLISE ESTRUTURAL E ENGAJAMENTO NA LEITURA: RASTREAMENTO OCULAR E CLOZE

Marcus Maia
UFRJ/CNPq
maiamarcus@gmail.com
Kátia Abreu
UERJ
kabreu00@gmail.com

Hyöna et al (2002) investigaram padrões oculares para identificar estratégias de leitura de adultos com textos expositivos. O processamento de leitores lineares rápidos foi caracterizado pela ausência de fixações regressivas, em contraste com o de leitores estruturantes que, geralmente, regressam ao tópico frasal. A adesão à tarefa pelo leitor estruturante revela uma consciência sintática não verificada no comportamento do leitor linear. O presente estudo com rastreamento ocular pretendeu comparar a leitura de períodos subordinativos, em português brasileiro, com alunos do curso de Letras e alunos do fundamental. Os resultados indicaram um desengajamento progressivo da leitura, no grupo fundamental. Observou-se também desengajamento em estudo de Cloze, aplicado no mesmo grupo de alunos, com o objetivo de verificar a compreensão leitora pela manipulação da variável tipo de palavra (lexical e funcional). Os resultados indicaram desengajamento no ato de ler a oração até o final e na tarefa de ler e completar as lacunas. Concluímos que os leitores mais proficientes se engajam em uma análise estrutural do que leem, tentando identificar hierarquias para extrair a perspectiva do período. Por outro lado, os leitores do fundamental que, frequentemente, nem mesmo completam a leitura do período, parecem adotar uma estratégia de inspeção linear minimamente estruturante, que requer o armazenamento de itens em justaposição, o que torna a leitura progressivamente mais difícil, porque não se beneficia da estruturação hierárquica, resultando em desengajamento.

Palavras-chave: leitura; rastreamento ocular; Cloze.

O RASTREAMENTO OCULAR EM VOCÁBULOS COM LETRAS TRANSPOSTAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM ALUNOS DO ENSINO BÁSICO

Aline de Oliveira Saguie
Universidade Federal do Rio de Janeiro
asaguie@gmail.com

O objetivo deste trabalho foi analisar de que forma a transposição de letras afeta o processamento de vocábulos multimorfêmicos no português brasileiro, se a computação ocorre por distribuição morfológica e se há diferenças no processamento de prefixos, raízes e sufixos. Para tal, realizamos dois experimentos com estudantes universitários: um de Decisão Lexical e um de Rastreamento Ocular. Os resultados mostraram que há grandes perdas para a leitura, especialmente quando a transposição ocorre na raiz. O experimento de rastreamento ocular revelou, ainda, que a inspeção da raiz exige mais tempo de fixação do que a inspeção do sufixo que exige maiores latências de fixação ocular do que os prefixos. Tais diferenças indicam que a computação de palavras multiformêmicas seguiria modelos de processamento *bottom-up*, em que o acesso lexical seria produto final de operações menores, dialogando com modelos não lexicalistas de representação, como a Morfologia Distribuída. Com base nos resultados obtidos nos experimentos anteriores, realizamos um novo experimento de rastreamento ocular com estudantes do ensino básico. Pressupondo que os universitários seriam bons soletradores e teriam bom vocabulário, ou seja, com perfil ortográfico, pretendemos comparar as leituras destes com a de estudantes de educação básica, visando verificar possíveis diferenças nos índices de respostas e tempos de fixação ocular para analisar se há relação com a proficiência em leitura.

Palavras-chave: transposição de letras; rastreamento ocular; ensino básico.

O USO DE KEYLOGGERS NA INVESTIGAÇÃO DA ESCRITA: UM ESTUDO COM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Lorena Araujo Alves
LAPAL e NOAP/PUC-Rio
lorena_allves15@hotmail.com
Erica dos Santos Rodrigues
LAPAL e NOAP/PUC-Rio
ericasr@puc-rio.br

A investigação da escrita a partir de uma perspectiva psicolinguística vem sendo desenvolvida desde a década de 80, com base em modelos cognitivos que buscam caracterizar os componentes e processos envolvidos no processamento da escritura (Hayes & Flower, 1980; Flower & Hayes, 1981; Hayes, 1996; Hayes, 2012). As primeiras pesquisas sob essa abordagem baseavam-se em técnicas que não permitiam um exame mais granular

das operações e estratégias usadas pelo escritor durante a escritura. Nos últimos anos, esse cenário tem sofrido mudanças com o desenvolvimento de ferramentas de *keylogging* (Leijten & VanWaes, 2005; Latif, 2008; Van Waes et al. 2011). Neste trabalho, iremos apresentar resultados de um estudo envolvendo 15 alunos universitários, com dificuldades em leitura e escrita, que são atendidos em um núcleo de orientação e atendimento psicopedagógico de uma universidade particular do Rio de Janeiro. O estudo envolveu a gravação e análise de atividades de escrita desses alunos por meio do Programa *Inputlog* (<http://www.inputlog.net/>), que permite registrar todas as ações realizadas no teclado durante a execução de uma tarefa de escrita, incluindo-se os movimentos ligados à revisão, como apagamentos e inserções de palavras, pausas, alterações de ordem de elementos, etc. Esses dados são relevantes para que se possa observar o desempenho global de escrita dos produtores e, em especial, os processos de monitoramento textual. No trabalho, também será discutido como os tipos de análises geradas pelo referido programa podem ser um instrumento de diagnóstico importante para o estabelecimento de procedimentos de intervenção.

Palavras-chave: Processamento da Escrita; *Inputlog*; Processos de revisão textual.

NEUROFISIOLOGIA DA ALFABETIZAÇÃO: O N170 COMO FERRAMENTA PREDITIVA E DESCRITIVA

Marije Soto

UERJ

marijesoto@hotmail.com

Juliana Gomes

UFRJ

Aniela Improta França

UFRJ

Estudos indicam que ler exige aprendizagem envolvendo especialização neurofisiológica do processamento visual, culminando no reconhecimento imediato de grafemas e suas combinações (Pegado, 2014). Testes com eletroencefalograma (EEG/ERP) têm sido usados para monitorar *online* essa cognição. O componente N170, marcador de processamento visual aos 170ms após a apresentação do estímulo, assume características específicas no caso de pessoas alfabetizadas: amplitudes aumentadas em resposta a sequências de grafemas (palavras e pseudo palavras), comparadas a outros símbolos visuais (como ícones) ou fontes falsas. A lateralização dessa resposta para o hemisfério esquerdo, especificamente para grafemas, ainda caracteriza alto grau de automatização de leitura (Maurer et. al, 2006; Maurer et. al, 2011; Fehlbauer, 2013). Em um estudo de ERP *in loco* com 20 alunos do 8º ano de uma escola pública estadual, encontramos essa assinatura neurofisiológica típica. Ademais, diferenças individuais em termos da força e distribuição da resposta foram encontradas, evidenciando uma gradação em níveis de automatização,

correlacionando com medidas comportamentais de desempenho. Outro achado é a grande semelhança entre os ERPs para palavras e pseudo palavras, sugestivo da relação quase biunívoca entre grafema e fonema no sistema ortográfico português. Esse resultado está alinhado com testes semelhantes feitos em francês, finlandês e alemão, que diferem do inglês nesse quesito, cujo sistema ortográfico é notoriamente irregular (Mauer *et al.*, 2005). Os níveis variados da intensidade e da lateralização da resposta são indicativos de que uma grande parcela dos alunos ainda continua adquirindo fluência na leitura muito tempo após a fase de alfabetização.

Palavras-chave: leitura de palavras; ERP; N170.

A GRAFIA DA NASALIDADE EM DADOS DE ESCRITA INFANTIL

Mariana Müller de Ávila
Ana Ruth Miranda
Universidade Federal de Pelotas
marianamulleravila@gmail.com

Este estudo analisa as estratégias empregadas por crianças em fase de aquisição da escrita para a grafia das consoantes nasais em posição de coda medial. Tendo em vista trabalhos como de Miranda (2009,2011) e Abaurre (2011), busca-se investigar as representações gráficas elaboradas por crianças do 1º e 2º ano de dez turmas de três escolas públicas da cidade de Pelotas/RS para registrar a nasalidade. Para Abaurre, a nasalidade no sistema do português pode ser fonológica e/ou fonética, ou seja, pode ou não apresentar comportamento distintivo. Assim, a autora aponta três soluções encontradas pelas crianças para marcar a nasalidade distintiva: apagamento da marca de nasalidade, uso do diacrítico til e/ou o uso da consoante nasal mais o til. Nesta pesquisa, investiga-se apenas dados de nasalidade fonológica, visto que seu registro gráfico apresenta dificuldade à criança em processo de aquisição da escrita. Os resultados encontrados na análise correspondem, em parte, às estratégias de grafia da coda nasal descritas por Abaurre, visto que são identificadas outras representações gráficas da nasal, como a hipersegmentação dos vocábulos, por exemplo. Embora as turmas analisadas, de modo geral, produzam o registro da nasal de acordo com a convenção, a análise qualitativa dos dados encontrados permite que se reflita sobre a representação fonológica dessas estruturas na gramática das crianças com base nas soluções gráficas apresentadas por elas.

Palavras-chave: Aquisição da escrita; Grafia da nasal; Nasalidade do Português.

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLINGÜÍSTICA PARA REPENSAR O LETRAMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS

Joana Angélica da Silva de Souza
joanasouza@id.uff.br

Eduardo Kenedy Nunes Areas
Universidade Federal Fluminense (UFF)
eduardokenedy@id.uff.br

Em relação há algumas décadas, o número de jovens com acesso a universidades públicas e privadas aumentou consideravelmente. Paralelamente, o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2016 aferiu que, do total da população no nível superior ou mais, 4% está classificado como tendo um nível rudimentar de leitura, 32% se encontra no nível elementar e 42% está no nível intermediário, totalizando 78% de pessoas não proficientes em leitura dentre os universitários (AÇÃO EDUCATIVA, 2016). Vale ressaltar que entendemos analfabetismo funcional como a condição na qual o indivíduo é incapaz de produzir e atribuir significado a textos escritos nos mais diferentes contextos em sua vida cotidiana familiar, social e de trabalho (CABRAL, 2003). Partindo desses dados, tomamos como base teórica os estudos de psicolinguística sobre leitura e aplicamos um experimento – Teste de Cloze – a alunos ingressantes no curso de Letras da Universidade Federal Fluminense, cuja variável dependente foi o *score* no teste e as variáveis independentes foram o grupo (cotistas/não cotistas) e o tipo de item (palavra de conteúdo/palavra funcional), nossas hipóteses foram de que os cotistas apresentariam um resultado inferior no teste de Cloze e de que as palavras funcionais apresentariam menos dificuldade aos participantes por representarem níveis mais básicos do processamento do texto escrito. O objetivo do experimento foi o de identificar possíveis problemas de leitura no público universitário e iniciar um estudo longitudinal para inferir o papel da universidade no letramento desses indivíduos.

Palavras-chave: leitura; letramento; analfabetismo funcional.

ABORDAGENS EXPERIMENTAIS OFF-LINE E ON-LINE PARA A SALIÊNCIA SOCIOLINGÜÍSTICA

Raquel Meister Ko. Freitag
Universidade Federal de Sergipe
rkofreitag@uol.com.br

Abordagens experimentais na Sociolinguística tem sido um novo campo a ser explorado em estudos de percepção, pois permitem integrar informação social a modelos cognitivos, especialmente o papel da atenção no processamento sociolinguístico; e, nessa direção, a

interface com a Psicolinguística se torna produtiva. Neste estudo, assumimos a proposta de “monitor sociolinguístico” (Labov, 2006; 2011), segundo a qual o julgamento de uma variável linguística depende da frequência de sua ocorrência. Para verificar a relação entre saliência cognitiva e consciência social em estudos de percepção sociolinguística, desenvolvemos uma abordagem piloto com quatro versões de uma mesma tarefa: duas off-line e duas on-line. O protocolo do monitor sociolinguístico consiste na apresentação de um conjunto de estímulos com diferentes gradações de uma variável sociolinguística (100% - 70% - 50% - 30% 0%). A tarefa dada ao participante foi julgar o conjunto de estímulos quanto ao profissionalismo do locutor em uma escala de 7 pontos. A variável sociolinguística sob julgamento é a palatalização progressiva (tia ~ tʃia; dia ~ dʒia). Nas versões off-line, os participantes são expostos ao estímulo auditivo (i) e ao estímulo auditivo e escrito simultaneamente (ii), com variáveis dependentes a nota do julgamento e latência de resposta. As versões on-line repetem o padrão de estímulo das versões off-line, com rastreamento ocular para aferir o controle de esforço cognitivo: dilatação da pupila durante a tarefa e pontos de fixação/mapas de calor. Na elaboração do teste, foi utilizado o software OpenSesame (v. 3.1) e, para o rastreamento ocular, o aparelho Eye Tribe 30 Hz.

Palavras-chave: Percepção; tarefa off-line; tarefa off-line.

AQUISIÇÃO DA VARIAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA AQUISIÇÃO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NO PB

Cristina Azalim

NEALP/ UFJF

gazalim@oi.com.br

Mercedes Marcilese

NEALP/ UFJF

mmarcilese@gmail.com

A aquisição da linguagem está estreitamente relacionada aos processos de mudança e variação linguística (Lightfoot & Westergaard, 2007). Contudo, poucas pesquisas têm investigado os efeitos de regras variáveis na aquisição. Nosso trabalho busca estabelecer um diálogo entre sociolinguística e psicolinguística e avaliar os efeitos da variação na aquisição da concordância nominal no PB, articulando dados longitudinais e metodologia experimental. Analisamos a produção espontânea de quatro crianças de 3, 4, 5, e 6 anos de idade, respectivamente. Foi observado que as ocorrências de concordância nominal variável pelas crianças e pelos adultos que interagem com elas são compatíveis com o *princípio da saliência fônica*: itens menos salientes (*vestido*) são mais suscetíveis a apresentar regra não redundante de plural (*os vestido*) do que itens mais salientes (*os coração*). Ao compararmos tais resultados com estudo experimental anterior conduzido com adultos e crianças de 6 e 7 anos de idade, constatamos divergências nos padrões

identificados nos dados naturalistas e experimentais. Enquanto os dados longitudinais sugerem comportamento semelhante entre ambos os grupos, os resultados experimentais indicam diferenças entre a percepção e a produção adulta e infantil. Nos adultos, a saliência se mostrou irrelevante, ao passo que nas crianças foi registrado um efeito de saliência, embora numa direção não prevista pela literatura (i.e. crianças revelaram sensibilidade diante de itens menos salientes). Novas amostras de fala espontânea estão sendo analisadas e um estudo experimental se encontra em andamento para investigar de forma mais refinada a sensibilidade de crianças e adultos às diversas variáveis associadas à saliência fônica.

Palavras-chave: aquisição do PB; variação linguística; concordância nominal.

COMPREENSÃO DA LEITURA NA RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS MATEMÁTICOS

Andrea Maria dos Santos Matos
Universidade Federal de Sergipe
amatosao@yahoo.com.br

Este estudo objetiva apresentar a relação entre as habilidades de compreensão de leitura e resolução de problemas por meio do desempenho individual de estudantes em testes padronizados. Entendendo que a compreensão é pré-requisito para determinar processos matemáticos necessários para resolver um problema (POLYA, 2006), o modelo de processamento da compreensão da leitura (PERFETTI, STAFURA, 2014) possibilitou relacionar compreensão de leitura na resolução de problemas matemáticos, utilizando a matriz de referência da Prova Brasil de Língua Portuguesa. Tomando como base essa matriz, analisamos os itens dos testes padronizados de Matemática, aplicados nos 6º e 9º anos do ensino fundamental de duas escolas públicas de Sergipe. O desempenho em leitura está associado ao de resolução de problemas, apresentando uma correlação forte para os 6º e 9º anos. Os resultados apontam que as maiores proficiências em Matemática correspondem aos níveis superiores em Língua Portuguesa para os 9º anos e nos 6º anos não identificamos diferenças significativas. Ao comparar o desempenho de Matemática e Língua Portuguesa, os níveis básicos de proficiência não apresentaram diferenças significativas. Porém, para itens de níveis mais complexos, são exigidas habilidades para estabelecer relações entre os elementos textuais e o enunciado dos problemas. Observamos influência do nível de proficiência em Língua Portuguesa no desempenho da resolução de problemas. Concluímos que existe relação entre o desempenho em Matemática e Língua Portuguesa na Prova Brasil, que aponta para a necessidade de trabalho pedagógico articulado entre as disciplinas para efetividade nos resultados.

Palavras-chave: Prova Brasil; Compreensão da Leitura; Resolução de Problemas.

EFEITOS DE ENQUADRAMENTO METAFÓRICO E A RECEPÇÃO SOCIAL DA DOENÇA DE ALZHEIMER

Josie Helen Siman
Universidade Estadual de Campinas
josiesiman@gmail.com
Thiago Oliveira da Motta Sampaio
Universidade Estadual de Campinas
thiagomotta@iel.unicamp.br

Pesquisas anteriores sobre os efeitos de enquadramento metafórico reportam efeitos negativos associados ao uso de metáforas de GUERRA para enquadrar certas questões (FLUSBERG *et al.*, 2018), mas tais experimentos envolvem tarefas que suscitam inferências diretas referentes a metáforas em contextos restritos. No dia a dia, as pessoas são expostas a uma gama de metáforas que nem sempre são usadas em raciocínios. No entanto, essas metáforas transmitem informações que podem afetar como as pessoas conceptualizam algo. Nesta pesquisa, nossa pergunta é: qual é o impacto das metáforas de GUERRA e JORNADA na recepção social da doença de Alzheimer. Conduziremos um experimento com uma variável (descrição metafórica) em quatro condições (GUERRA/ JORNADA/ sem metáforas/ sem texto). Os participantes (estudantes da Unicamp) serão distribuídos randomicamente entre as condições em que lerão praticamente o mesmo texto exceto pelas alterações de metáforas. Depois, responderão às mesmas perguntas sobre suas atitudes em relação à doença – algumas dessas questões serão seguidas de uma escala de sete pontos; outras serão de respostas livres, as quais serão codificadas por valência e extensão metafórica. Esperamos observar que a condição de GUERRA terá um impacto negativo sobre as repostas, e que a condição de JORNADA não terá impacto (comparada à condição sem metáforas), já que estudos anteriores sugerem que metáforas de valência positiva podem não afetar os participantes (THIBODEAU; FLUSBERG, 2017). Uma comparação entre as condições “sem metáforas” e “sem texto” será realizada para uma discussão sobre as implicações de escolhas metodológicas sobre os resultados de experimentos.

Palavras-chave: Metáforas; enquadramento; Alzheimer.

PROCESSAMENTO DE REFLEXIVOS EM INGLÊS POR BILÍNGUES BRASILEIROS

Lorena Priscila Dantas de Luna
Universidade Federal da Paraíba
lorenaluna@gmail.com
Márcio Martins Leitão
Universidade Federal da Paraíba / CNPq
profleitao@gmail.com

Cândido Samuel Fonseca de Oliveira
CEFET-MG
coliveira.ufmg@gmail.com

Este trabalho busca analisar como brasileiros bilíngues processam as anáforas reflexivas *herself, himself*, e ainda se são sensíveis as restrições impostas pelo Princípio A da Teoria da Ligação (CHOMSKY;1981). Executamos um experimento, utilizando a técnica *on-line* de leitura automonitorada, a fim de analisar os tempos de leitura dos aprendizes brasileiros de inglês, divididos em dois níveis de proficiência (Avançado e Intermediário), na resolução da correferência. Assumimos como variáveis independentes o tempo de leitura do segmento crítico e pós-crítico, e como variáveis independentes a congruência entre o gênero dos antecedentes e a retomada e o nível de proficiência. Os sujeitos participantes do experimento foram recrutados de variados cursos da UFPB, como também professores de inglês de diferentes escolas de idiomas, sendo 10 intermediários e 10 avançados. A nossa predição, baseada em Felser, Sato e Bertenshaw (2009) e em Felser & Cummings (2012), é a de que os bilíngues violem as restrições impostas pelo Princípio A, no processamento dos reflexivos, distinto do que ocorre em monolíngues. Os resultados corroboraram essa hipótese, pois encontramos influência dos antecedentes indisponíveis tanto para o grupo avançado, quanto para o grupo intermediário. Entretanto houve diferença na direção do efeito encontrado entre os sujeitos dos dois níveis de proficiência. Esses resultados serão analisados como uma primeira evidência a favor da Hipótese Bottleneck (Slabakova, 2014), que prediz que as unidades linguísticas que envolvem morfologia funcional são mais difíceis de serem aprendidas em L2 do que aquelas que envolvem domínios como a sintaxe, semântica e, até mesmo, a pragmática.

Palavras-chave: Bilinguismo; Processamento de Reflexivos; Princípio A.

PROCESSAMENTO DA CORREFERÊNCIA PRONOMINAL ANAFÓRICA EM PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA MATERNA E DE HERANÇA

Raquel Fellet Lawall
Universidade Federal de Juiz de Fora
raquelflawall@gmail.com
Samara Ruas
Universidade Federal da Bahia
samararuas87@gmail.com

Este trabalho investiga o processamento da correferência pronominal anafórica em frases com sujeito preenchido e nulo em português, por falantes de português brasileiro (PB) como língua materna e por falantes de avançados de PB como língua de herança, os quais possuem o espanhol mexicano como segunda língua. Partimos das diferenças existentes em

relação ao parâmetro do sujeito nulo (Chomsky, 1981, 1995, 2011) nas duas línguas: o espanhol é [+ *pro drop*] (CORREA, 2010), enquanto o PB é considerado uma língua parcialmente *pro drop*, pela preferência ao sujeito pleno (DUARTE, 1995). Dada essa diferença nas duas línguas, buscamos verificar (i) as preferências de interpretação da resolução pronominal de estruturas em português com sujeito nulo e pleno; (ii) se há transferência do parâmetro *pro-drop* da língua dominante, o espanhol, para o português. Nossa hipótese é de que haverá transferência se os falantes avançados não criaram mecanismos para bloquear a presença de duas subgramáticas conflitantes em sua interlíngua. Utilizamos o aporte teórico da Teoria de Gramáticas Múltiplas (AMARAL; ROEPER, 2014), que considera (i) cada um dos conjuntos de regras divergentes consiste em uma subgramática distinta na mente do falante, (ii) que há diferenças entre as gramáticas de L1 e de L2, sensíveis ao fato de a primeira língua ser configuracionalmente mais próxima, como é o caso do espanhol e do português. Conduziremos um experimento de leitura automonitorada com falantes brasileiros nativos de PB (grupo controle) e falantes avançados de português como língua de herança e os quais possuem o espanhol mexicano como L2.

Palavras-chave: resolução pronominal; processamento sentencial; aquisição de segunda língua.

VERBOS INACUSATIVOS E INERGATIVOS NO PB: A INTERFACE SINTAXE-PROSÓDIA

Raquel Cristina Moreira de Souza
NEALP/UFJF
raquelsouza.ufjf@gmail.com
Cristina Name
NEALP/UFJF/CNPq
cristina.name@ufjf.edu.br
Paula Gabbai Armelin
NEALP/UFJF

Investiga-se a atribuição de acento nuclear em sentenças intransitivas de foco amplo no PB. Em estudo conduzido em inglês, Irwin (2010, 2011) verificou padrões acentuais distintos para sentenças inacusativas, que apresentaram padrão de acento no sujeito, e inergativas, que tiveram maior variabilidade, com o acento recaindo sobre o sujeito ou o verbo. A autora se respalda na Teoria de Fases (CHOMSKY, 2000, 2001, 2008) para tratar as distinções prosódicas entre os monoargumentais. As fases sintáticas seriam *chunks* enviados às interfaces ciclicamente durante a derivação e constituiriam um domínio para atribuição do acento, conferido ao constituinte mais alto de cada um desses *chunks*. As fases seriam encabeçadas por *v* e *C*, porém, verbos inacusativos e inergativos seriam encabeçados por diferentes tipos de *v*: inacusativos não constituiriam uma fase (*v* fraco), ao

contrário de inergativos (v forte). Assim, sentenças inacusativas apresentariam apenas uma fase e apenas um domínio para atribuição do acento, o sujeito; inergativas apresentariam duas fases, com um domínio para atribuição de acento no sujeito e outro no verbo. Para a investigação da hipótese no PB, foi elaborado um primeiro experimento, com gravações de adultos lendo perguntas e respostas de foco amplo, contendo verbos inergativos e inacusativos, a depender da condição (P: O que aconteceu até agora? / R: A Lena dançou.). Os resultados sugerem maior proeminência sobre o verbo nos dois tipos de sentenças. Um segundo experimento nos mesmos moldes foi elaborado para ampliar o número de informantes e investigar a semelhança prosódica entre sentenças inacusativas e anticausativas.

Palavras-chave: verbos monoargumentais; sintaxe; prosódia.

PROCESSAMENTO DE GÊNERO GRAMATICAL E DE GÊNERO DE ESTEREÓTIPO

Michele Calil dos Santos Alves
UFRJ
michelecalil@gmail.com

O gênero gramatical é invariável na língua e provavelmente deve ser especificado na representação lexical dos nomes. Por outro lado, o gênero estereotipado pode ser tanto especificado na representação da palavra, quanto inferido probabilisticamente com ajuda do conhecimento de mundo dos falantes. O objetivo principal deste trabalho é promover uma comparação inédita na literatura: gênero gramatical versus gênero estereotipado. Dois experimentos foram conduzidos com falantes nativos de português brasileiro: o Experimento 1 foi um teste cloze de concordância com o propósito de determinar o gênero formal dos nomes testados, enquanto o Experimento 2 foi um teste Likert de estereótipo com o propósito de averiguar o referente conceptual dos mesmos nomes. A hipótese era que nomes com gênero gramatical seriam mais rapidamente processados do que os nomes estereotipados nos dois experimentos, uma vez que o gênero gramatical parece ser sintático, enquanto o gênero estereotipado parece ser pragmático. Além disso, esperava-se encontrar efeitos facilitatórios do gênero masculino, já que é o gênero default da língua. Os resultados encontrados contrariaram a hipótese inicial, isto é, sugerem que tanto o gênero gramatical quanto o gênero estereotipado são lexicalmente especificados, porém o primeiro é conceptualmente ambíguo, enquanto o segundo é subespecificado. Como esperado, nomes masculinos foram processados menos custosamente que nomes femininos.

Palavras-chave: gênero gramatical; gênero estereotipado; Psicolinguística Experimental.

ESTRATÉGIAS DE PROCESSAMENTO NA AQUISIÇÃO DE COORDENAÇÃO E ENCAIXES: UM ESTUDO COM PPs

Mayara de Sá Pinto
Universidade Federal do Rio de Janeiro
dsp.mayara@gmail.com
Aleria Cavalcante Lage
Universidade Federal do Rio de Janeiro
alerialage@gmail.com

Assumindo o processamento serial da linguagem, proposto na Teoria do Garden Path (Frazier, 1979; Frasier Clifton, 1996), em vista de uma ambiguidade temporária, há duas estratégias *default* a seguir: (i) Late Closure (LC): “Ligue o material novo à oração sendo analisada no momento”; e (ii) Minimal Attachment: “Ligue o material novo à estrutura sintática que está sendo construída, sempre usando o menor número possível de nós”. Há indícios da universalidade dessas estratégias, porém quando essas estratégias aparecem no processamento infantil? Para testar isso, estruturamos uma série de experimentos contrastando coordenação e encaixes de PPs. Desenvolvemos uma metodologia para adaptar o paradigma de pareamento de sentença oral e figura inserido dentro de um jogo interativo. O código, escrito em Open Sesame para tablet, nos possibilitou uma excelente aderência de crianças de 4 e 5 anos, com pouca perda de resultados. Em duas condições mesclamos coordenação e encaixes com sentenças ambíguas do tipo: ***Tem Zuki no peixe e na planta no aquário*** Vs. ***Tem Zuki na planta e no peixe no aquário***. Queríamos saber se o MA ou LC se aplicava em um ou em ambos os casos. Note-se que na primeira sentença que traz o peixe primeiro, há um viés semântico que naturalmente facilita a compreensão de que peixe e planta estão no aquário. Porém, na segunda sentença, a concepção pragmaticamente mais comum seria a que mostra a planta fora do aquário. O resultado foi que independentemente dos vieses de conhecimento do mundo as crianças processaram de baixo para cima, seguindo a LC nas duas condições, colocando sempre os objetos no aquário. Um teste subsequente está sendo idealizado para averiguar o papel da memória nessa escolha pelo LC.

Palavras-chave: processamento de linguagem durante a aquisição; late closure; minimal attachment.

FORMAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS: UM OLHAR PSICOLINGUÍSTICO

Adana Bastos, Rodrigo Leal de Souza, Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro
marilialott@gmail.com

O objetivo do presente trabalho é discutir os pressupostos teóricos sobre afixação (MEIR, 2011) e composição (FIGUEIREDO SILVA & SELL, 2009; QUADROS & KARNOPP, 2004) na Libras (Língua Brasileira de Sinais) a luz de pesquisas realizadas em outras línguas de sinais (BRENTARI, 2002; MEIR, 2008). Observa-se na literatura justificativas teóricas conflitantes para classificação de termos formados por composição ou afixação. Além disso, Figueiredo Silva & Sell (2009) apontam possibilidade de haver variação na ordem em termos compostos, como em MULHER^CRIANÇA OU CRIANÇA^MULHER (notação das autoras). No entanto, se esta formação for produtiva na língua e os falantes não conseguirem reconhecer a classe gramatical, como a distinção nome ou verbo, então haveria um indicativo de um processo de afixação (MEIR, 2012), mas teorias não convergem quanto as regras morfológicas. Na literatura em que podemos analisar a língua de base, percebemos que as regras que determinam compostos (QUADROS & KARNOPP, 2004) foram observadas em exemplos que são descritos como afixos (MEIR, 2012). A partir dessas observações e aparentes inconsistências na literatura, formulamos um experimento de julgamento cronométrico de aceitabilidade em que vamos manipular a ordem dos constituintes e o parâmetro movimento dos sinais dito compostos. Uma abordagem psicolinguística nos permitiria captar diferenças de maneira mais sistemática, pois além do julgamento teríamos informações sobre o nível de dificuldade enfrentado pelos participantes ao olhar para o tempo de resposta. Com isso, poderemos ampliar o debate sobre esse fenômeno.

Palavras-chave: Libras; formação lexical; morfologia.